

FORMAÇÃO NA
ESCOLA

ATIVIDADES HABITUAIS

ARTES VISUAIS

4º E 5º ANO

INICIATIVA



**FUNDAÇÃO
VALE**

PARCEIRO



roda
educativa

FORMAÇÃO NA ESCOLA

ATIVIDADES HABITUAIS
ARTES VISUAIS

4º E 5º ANO

AUTORES

André Vilela e Renata Caiuby

ORGANIZADORAS

**Érica de Faria Dutra, Patrícia Diaz
e Priscila de Giovani**

INICIATIVA



PARCEIRO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Atividades habituais : artes visuais : 4º e 5º ano
/ André Vilela, Renata Caiuby ; organização
Érica de Faria Dutra, Patrícia Diaz, Priscila
de Giovani. -- 2. ed. -- São Paulo : Comunidade
Educativa CEDAC, 2024. -- (Formação na escola)

ISBN 978-85-89212-79-3

1. Arte (Ensino fundamental) 2. Artes visuais
I. Vilela, André. II. Caiuby, Renata. III. Dutra,
Érica de Faria. IV. Diaz, Patrícia. V. Giovani,
Priscila de. VI. Série.

24-207166

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

EXPEDIENTE

Formação na escola | Ensino Fundamental Anos Iniciais – 2ª Edição

Fundação Vale

www.fundacaovale.org

Conselho de curadores

Presidente

Maria Luiza Paiva

Diretora presidente

Flavia Constant

Diretora executiva

Pâmella De-Cnop

Equipe

Alice Natalizi
Andreia Prestes
Felipe de Faria
Fernanda Fingerl
Maykell Costa
Maria Alice Santos

Roda Educativa

(antiga Comunidade Educativa CEDAC)
www.rodaeducativa.org.br

Diretora presidente

Tereza Perez

Diretoria executiva

Patrícia Diaz
Ricardo Vilela
Roberta Panico

Coordenação pedagógica

Érica de Faria Dutra
Priscila de Giovani

Consultoria

Delia Lerner

Elaboração – Língua Portuguesa

Andréa Luize
Cristiane Pelissari
Cristiane Tavares
Debora Samori
Paula Stella

Elaboração – Artes Visuais

André Vilela
Renata Caiuby

Elaboração – 1ª edição Língua Portuguesa

Maria Madalena Monteiro da Rocha
Miriam Louise Sequerra
Renata Grinfeld
Sandra Mayumi Murakami Medrano

Elaboração – 1ª edição Artes Visuais

Flavia Ribeiro
Maria da Penha Brant
Renata Caiuby
Rosa Iavelberg

Apoio

Fernanda Martinelli
Leonardo Carlette

Produção editorial

Emily Stephano

Preparação de texto e revisão

Rafael Burgos

Projeto gráfico e diagramação

Colabora Estúdio de Design



Agradecimentos

Agradecemos a todos os municípios participantes do Escola que Vale e do Programa Trilhos da Alfabetização e equipe de formadoras de Língua Portuguesa e Arte que colaboraram e tornaram possível esta publicação.



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. ATIVIDADES HABITUAIS	12
ATIVIDADE 1 Confeção do livro dos monstros	13
ATIVIDADE 2 Construção com papéis	20
ATIVIDADE 3 Desenhando com a tesoura.....	26
ATIVIDADE 4 Desenho a partir da descrição de uma cena.....	32
ATIVIDADE 5 Desenho a partir de uma interferência	36
ATIVIDADE 6 Desenho de observação de diferentes pontos de vista	40
ATIVIDADE 7 Desenho de observação de objeto desmontado	45
ATIVIDADE 8 Desenho de observação do que vejo a minha volta.....	49
ATIVIDADE 9 Letra tratada como imagem	53
ATIVIDADE 10 Pesquisa de cores	57
ATIVIDADE 11 Reprodução de imagens com carimbos	63



1 INTRODUÇÃO

Chamamos de **Atividades Habituais** aquelas que são realizadas com periodicidade na nossa rotina de trabalho na escola. Ao destinarmos, por exemplo, 30 minutos diários às brincadeiras no parque ou 40 minutos semanais a uma ida à biblioteca, estamos estabelecendo tempo para determinadas atividades, de acordo com os objetivos de aprendizagem para o ano escolar.

As Atividades Habituais são indicadas para que os e as estudantes possam desenvolver as habilidades pretendidas para o ano escolar, possibilitando que apropriem-se de conteúdos e de procedimentos de Artes Visuais para mobilizá-los em suas experiências e criações artísticas na escola e fora dela, com progressiva autonomia.

Ao propor diferentes modalidades distribuídas em *Atividades Habituais em Artes Visuais*, estamos reiterando o valor que essas linguagens têm para os e as estudantes e para a arte, criando formas de integrá-las à rotina de acordo com a disponibilidade de tempo destinado às aprendizagens que lidam com imagens e experiências artísticas. Para o desenvolvimento das habilidades de Artes Visuais propostas na BNCC, é imprescindível que estudantes explorem e experimentem periódica e rotineiramente materiais, procedimentos e elementos da linguagem visual, de forma a aprofundarem e aprimorem suas aprendizagens. Como a própria BNCC aponta, estas habilidades devem se construir ao longo do Ensino Fundamental; neste sentido, a realização de atividades habituais voltadas à experimentação, à prática e à exploração das linguagens artísticas é essencial à sua consolidação.





Arquivo Roda Educativa

Além de a experiência artística estar muito presente na vida dos e das estudantes, é pela exploração e pesquisa com diferentes materiais, suportes e produção que eles e elas constroem seu repertório imagético e cultural. Ao entrarem em contato com as mais variadas situações didáticas, que lhes permitam explorar suas potências e possibilidades criativas, estudantes ampliam seu repertório e conhecimento sobre a arte, assim como desenvolvem suas competências para se comunicar e expressar por meio da linguagem visual.

Nesse sentido, as *Atividades Habituais em Artes Visuais* aqui sugeridas envolvem a observação, a memória e a imaginação, como eixos de pesquisa, experimentação e criação nas modalidades de produção artística – uma ou outra pode ficar em maior evidência, de acordo com cada proposta. O **desenho de observação** resulta da conexão entre olho, objeto e gesto. Ao realizá-lo, o olho transita entre o objeto e o papel, registrando com gestos que traçam as formas, as linhas, as cores, as texturas e outros atributos relacionados ao que está sendo observado. O fazer transforma o olhar e ressignifica o que foi observado.

Se a escolha é criar algo que não se vê, a **memória** passa a ser a principal fonte de informação. O olhar de quem produz arte estará bem mais concentrado nos materiais e procedimentos com os quais está trabalhando, procurando reproduzir aquilo que sua lembrança sugere. Os trabalhos artísticos produzidos por meio da inspiração da imaginação são aqueles em que os e as jovens lançam mão da experiência que assimilaram, ao apreciar imagens, fazer desenhos de observação e resgatar elementos de sua memória, articulando uma ou outra coisa para compor conforme sua vontade.

Monstros podem aparecer com três cabeças, pessoas podem ter pernas longas e bracinhos pequenos, sereias podem viver fora da água... tudo está determinado por sua vontade, por sua **imaginação**.

Um professor ou professora atento e com intencionalidades claras cuida para que os e as estudantes tenham contato com um conjunto diversificado de experiências, de pesquisas e aprendizagens. Tudo isso, como sabemos, marcará a produção do e da estudante e, aos poucos, passará a compor seu repertório: se pintar com guache, desenhar com a tesoura, modelar com argila,

fazer gestos rápidos ou lentos, como usar um papel maior do que seu corpo, ou muito pequeno etc. As experiências artísticas com diferentes materiais e procedimentos remetem às diferentes sensações, ao corpo, à experiência de espaço e de mundo.

Todas as propostas de *Atividades Habituais em Artes Visuais* deste caderno estão conectadas, de uma forma ou de outra, ao conjunto de conhecimentos que os e as estudantes vão ampliando no decorrer de sua escolaridade e de sua vida. Ao final de cada proposta, abrem-se outras possibilidades de atividades delas decorrentes, com mudança nos temas, materiais, agrupamentos e espaços em que são realizadas as aulas. Isso viabiliza que muitas atividades sejam feitas sem repetições idênticas. As variações propostas são escolhidas de acordo com os conteúdos que o professor ou professora planeja agregar às aprendizagens dos e das estudantes, assim, a cada escolha, haverá sempre alguma estratégia que propicie novos desafios, pesquisas, descobertas e aprendizagens.

Este percurso criador pode ter um início, mas não um fim. É um processo, um movimento contínuo. Nesse sentido, as atividades habituais de Artes Visuais constituem um convite para que os e as estudantes deem um passo a mais a partir de onde se encontram. Para isso, é preciso que cada um e cada uma reconheçam as marcas coletivas e pessoais que constituem sua própria identidade e, a partir desse repertório, conhecer como ele é ressignificando e ampliado na prática e na transformação do olhar, que se sensibiliza para o que antes não era percebido. Isso ocorre quando se estabelece uma relação habitual com a arte por meio da apreciação e do fazer, mesmo sem necessariamente ser artista. Embora o percurso seja individual, sua construção se dá por meio de interações sucessivas com pessoas e com as culturas em experiências imagéticas. Garantir e valorizar a autoria desse processo é legitimar a singularidade do percurso individual de cada criança.

A experiência de enfrentar esses desafios, recorrentes nas *Atividades Habituais em Artes Visuais* propostas, fornece elementos necessários à aprendizagem e autonomia dos e das estudantes no campo das suas experiências estéticas e nas relações que estabelecem com a cultura, que são finalidades educativas de Artes.



Arquivo Roda Educativa

APRENDIZAGENS ESPERADAS¹

Exploração visual e criação de imagens

- Explorar procedimentos de combinação e justaposição de imagens.
- Explorar os elementos da linguagem visual na criação de ilustrações.
- Identificar e apontar diferentes aspectos e qualidades gráficas dos desenhos.
- Aumentar o repertório imagético como forma de ampliação de sua formação artística.

Tridimensionalidade

- Compreender a diferença entre bidimensionalidade e tridimensionalidade.
- Utilizar procedimentos construtivos (dobrar, colar, encaixar) para transformar uma folha plana em objetos tridimensionais.
- Explorar elementos da linguagem visual, como equilíbrio, encaixe, peso, força, apoio e resistência do material, na construção de objetos tridimensionais.

Recorte

- Manipular a tesoura adequadamente. (adaptado de EF15AR04)

Linguagem visual

- Articular a memória e o repertório visual para desenhar.
- Utilizar elementos da linguagem visual, como linhas, formas, texturas e estampas, enquanto padrão de referência para compor superfícies.
- Observar e reconhecer elementos da linguagem visual, como espacialidade, proporção e profundidade no desenho.
- Organizar e selecionar ideias contidas em um texto para a representação por meio do desenho.
- Desenvolver estratégias de ocupação e composição no campo do papel ou outro suporte.
- Identificar as propriedades visuais do fragmento como elemento construtivo do desenho.

Cores

- Compreender como funciona a mistura de cores e reconhecer as variações de tonalidade.

¹ Contemplam expectativas alinhadas à Base Nacional Comum Curricular.

Observação

- Compreender que a observação de objetos pode ser feita a partir de diferentes ângulos e enquadramentos.
- Explorar as diferentes formas de se representar os objetos e suas características, fazendo uso de elementos da linguagem visual, como ponto, linha, forma, cor e textura.

Materiais

- Explorar procedimentos de coleta e classificação de materiais, identificar as qualidades dos elementos coletados e descrevê-las por meio dos elementos da linguagem visual: texturas, linhas, formas, consistência e cores.
- Conhecer procedimentos de uso de pincéis e tintas.
- Trabalhar em grupo, compartilhando os materiais, as descobertas e os desafios.

ATIVIDADES HABITUAIS

1. Confeção do livro dos monstros
2. Construção com papéis
3. Desenhando com a tesoura
4. Desenho a partir da descrição de uma cena
5. Desenho a partir de uma interferência
6. Desenho de observação de diferentes pontos de vista
7. Desenho de observação de objeto desmontado
8. Desenho de observação do que vejo a minha volta
9. Letra tratada como imagem
10. Pesquisa de cores
11. Reprodução de imagens com carimbos



2

ATIVIDADES HABITUAIS



ATIVIDADE 1 CONFEÇÃO DO LIVRO DOS MONSTROS

APRESENTAÇÃO

Nesta atividade, estudantes produzirão imagens para montar um livro de autoria coletiva. O grupo terá como desafio inventar e desenhar personagens imaginários, com o máximo de informações e elementos que os caracterizem.

Além de não haver palavras escritas nas páginas do livro, cada leitor e leitora poderão contar uma história diferente, inventando monstros e enredos na medida em que o folheia. Aponte para a possibilidade de reinventar a história e o personagem cada vez que as partes das páginas do livro se misturam, formando uma nova composição de monstros. As narrativas se multiplicam, justamente pelo tipo de composição na qual as páginas se mesclam.

O livro será bipartido, composto de páginas que podem ser combinadas entre si, por meio de um corte feito no meio de todas as folhas, exceto na capa e contracapa. Dessa forma, haverá possibilidades de criar outros monstros, já que as partes de cima e a de baixo podem ser compostas por imagens diferentes.

O objetivo da proposta é que estudantes lancem mão de diferentes procedimentos e explorem os elementos da linguagem visual ao elaborar recursos gráficos para representar aspectos que surgem da imaginação. O tema “monstros” visa potencializar sua imaginação ao desenhar e criar as ilustrações.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Este será um livro diferente, pois não possui texto. A ideia é que o leitor e a leitora possam combinar os desenhos e criar muitos monstros, portanto a narrativa do livro é visual, inventada pelo leitor e pela leitora à medida que folheia as páginas. Para isso, os desenhos serão cortados ao meio depois de prontos.

É muito importante avisá-los que seus desenhos serão cortados ao meio para montar o livro. Para ajudar os e as jovens a criar seus personagens, será preciso estimulá-los e estimulá-las a

imaginar e a lembrar de características de monstros, para que possam trazer estes elementos para o desenho.

COMO SE PREPARAR

Objetos instigantes, como cascas de árvores ou palhas de vassoura, devem ser selecionados pelos professores e professoras como referência para os desenhos dos e das estudantes – é possível que esses objetos inspirem características das partes dos corpos dos monstros imaginados. A seleção desses objetos é considerada uma etapa crucial na preparação da atividade educacional: pedras de diversas texturas, por exemplo, podem ser visualizadas como dentes em criaturas imaginárias.

Na busca por esses objetos, seja em casa, na escola ou nas ruas, maior atenção deve ser dada pelos educadores e educadoras às texturas, cores e formas. Materiais orgânicos e sintéticos podem ser oferecidos para fornecer uma variedade que permita aos e às estudantes exercitar sua imaginação. Possíveis ideias, desafios e desenhos sugeridos por esses objetos devem ser antecipados pelos professores e professoras.

Livros como bestiários ou trechos de histórias com personagens fantásticos de narrativas tradicionais dos povos originários brasileiros, afro-brasileiros ou de tradições regionais podem ser pesquisados pelos educadores e educadoras. Um segmento descritivo e curto de um ser fantástico é recomendado para leitura em sala de aula. Desta forma, é possível destacar as características únicas do ser mitológico em questão.

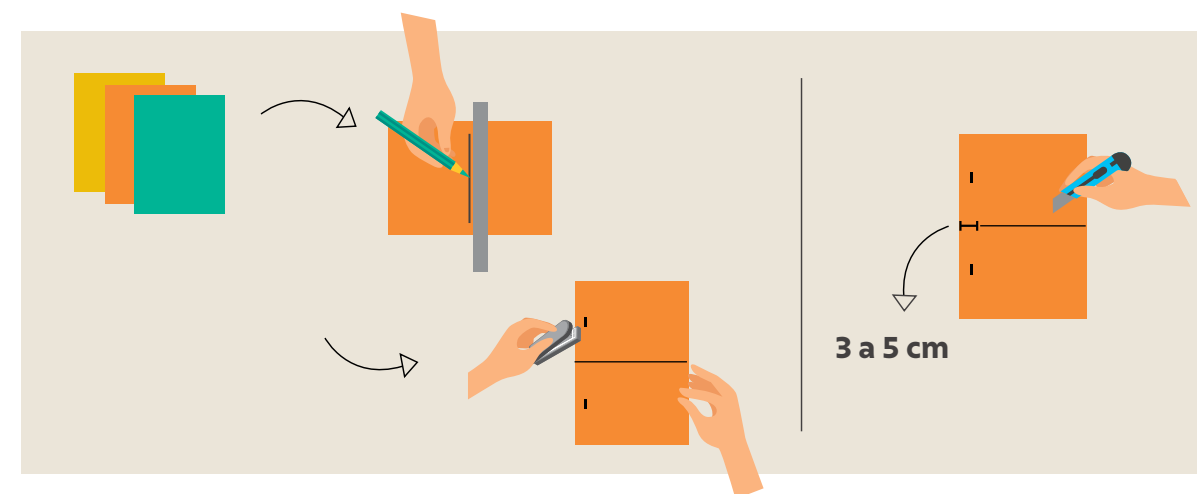
Neste modelo educacional, a participação dos e das estudantes na gestão da atividade não é prevista – o tempo em sala de aula é totalmente voltado para a compreensão e realização da tarefa proposta.

FORMATO DO LIVRO

Um exemplo do livro a ser montado pelos e pelas estudantes pode ser apresentado pelos professores e professoras. Se na instituição educacional não existir um livro com o tipo de diagramação proposto, é possível levar um modelo para melhor visualização do formato pelos e pelas estudantes. Quatro folhas de papel, preferencialmente de cores diferentes, devem ser reunidas. Essas folhas são grampeadas em uma das laterais, e um corte é feito no meio das folhas, mantendo uma margem entre 3 a 5 cm à esquerda.

As páginas do livro devem ser montadas com os desenhos dos e das estudantes, cortadas ao meio para permitir a combinação de partes de diferentes monstros. Uma marca que indica o ponto de separação entre a cabeça e o corpo do monstro deve ser incluída em todas as folhas – essa marca é onde o corte deve ser realizado.

Para a preparação das folhas, uma marcação uniforme é feita pelos educadores e pelas educadoras. Utilizando uma régua e um instrumento de escrita, dois pequenos riscos são feitos na altura do meio da folha, mantendo uma distância de 10 cm entre eles.



ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- A organização dos e das estudantes em roda é realizada pelos professores e professoras, e a proposta da atividade é apresentada, explicando-se que um livro sobre monstros será montado, composto apenas por desenhos. A estrutura de um livro tradicional, incluindo capa, título, índice, ilustrações, texto, contracapa, biografia dos autores e autoras e ficha técnica, é retomada com eles e elas, destacando-se que várias etapas são necessárias para a finalização de um livro;
- Livros ilustrados com diversas técnicas, como pintura, desenho, gravura e colagem, podem ser apresentados pelos educadores e educadoras, com atenção às ilustrações, ressaltando que elas também constituem uma linguagem e contêm informações. Livros compostos unicamente por imagens são preferíveis para essa apresentação;
- Poder ser informado que o livro a ser montado será composto apenas por ilustrações de monstros inventados pelos próprios e próprias estudantes. A forma como as páginas serão cortadas ao meio para permitir novas combinações de cabeças e corpos de monstros é também detalhada.

Construção de personagens

- Uma história de monstro ou mito pode ser lida para a turma pelos professores e professoras, com a análise da criação e descrição de uma personagem. Discute-se a importância da descrição das características do monstro, bem como o fato de que personagens fantásticos possuem tanto características físicas quanto de personalidade que são igualmente fantásticas. Conversas sobre memórias de ilustrações de monstros previamente vistas podem ser utilizadas pelos e pelas estudantes para responder ao desafio proposto nesta atividade. Algumas perguntas orientadoras podem ser apresentadas:
 - Como é um monstro?
 - Será que existem muitos tipos de monstros?
 - Será que monstro tem parte de bichos misturados?
 - Que bichos podem ser estes? Quais são estas partes?
 - O que um monstro faz?
 - Será que ele pode ser bom?
 - Onde será que vivem os monstros?
- Os professores e professoras podem solicitar aos e às estudantes que desenhem o personagem descrito na leitura, utilizando lápis grafite e uma folha de papel. Este exercício serve como um primeiro contato com os elementos que caracterizam um ser fantástico.

Combinações estranhas – conversa inicial sobre a criação dos monstros

- Antes da criação e do desenho dos monstros pelos e pelas estudantes, a imaginação do grupo pode ser estimulada pelos educadores e educadoras por meio de perguntas, por exemplo:
 - Como seria o filho de uma girafa com um avestruz?
 - E o de um búfalo com porco espinho?
- Combinações engraçadas e descrições de possíveis descendentes para os monstros, inclusive com sugestões de nomes, podem ser consideradas pelos e pelas estudantes. A caixa de objetos coletados para inspiração é, então, mostrada pelos educadores e educadoras. Incentivam-se discussões sobre as formas da parte do corpo dos monstros a serem criados, como a variedade de pernas, braços, cabeças, barrigas, pés e mãos;
- É possível que estudantes interajam com os objetos, imaginando partes do corpo que possam ter formas semelhantes. Dependendo da quantidade de objetos e do tempo disponível para a atividade, eles e elas podem ser organizados em grupos para que monstros sejam montados utilizando-se os objetos;
- Esta etapa pode ser vista como uma experiência para estimular ideias, e seus resultados não precisam necessariamente ser registrados em desenhos para integrar o livro.



OBJETOS INSPIRADORES

Utilizar objetos como inspiração para desenhar os monstros é uma estratégia que os estimula a pesquisar e a desenvolver grafismos e desenhos diferentes do usual, já que este tipo de personagem permite inúmeras possibilidades criativas. No entanto, se estudantes tiverem dificuldade de entrar na brincadeira de imaginar a partir dos objetos, sugira que algum desses objetos poderia ser parte de um monstro: uma meia, por exemplo, poderia ser a orelha de um monstro cujo corpo é todo mole.

É importante que os e as estudantes sintam que você está envolvido na aventura para se sentirem estimulados e estimuladas e livres para inventar e compartilhar suas ideias.

O desenho do monstro

Na conversa inicial, a sugestão é que seja explicada aos e às estudantes a maneira de desenhar seus monstros na folha designada. Isso permite que, uma vez cortados, os corpos e cabeças possam ser combinados ao folhear o livro. Numa das folhas destinadas à atividade, pode ser mostrado como os desenhos se alinharão com as marcas indicativas dos pescoços dos monstros. Ressalta-se a importância de os educadores e educadoras orientarem a que todos os desenhos sejam feitos na mesma direção, assegurando a compatibilidade das ilustrações no livro.

Caso seja considerada útil pelos educadores e educadoras, a lousa pode ser usada para ilustrar como o desenho abrange a parte superior e inferior da folha. No entanto, é sugerido que se evite criar algo figurativo para não influenciar a criatividade dos e das estudantes – atenção concentrada é recomendada nesse estágio da atividade.

Criação dos monstros e produção do livro

Em pequenos grupos ou em roda, as folhas de papel sulfite e as canetinhas podem ser distribuídas, dependendo da disponibilidade desses materiais.

- Neste momento, estudantes são incentivados e incentivadas a desenhar seus próprios monstros, dando espaço à criatividade e à invenção pessoal. É sugerido que características individuais possam ser atribuídas aos monstros criados, como aspectos de ferocidade, vaidade, juventude ou velhice. Objetos pessoais relacionados a essas características podem ser desenhados, como uma chupeta para um monstro bebê ou brincos para uma mãe monstro;
- Ao longo da atividade, questionamentos sobre as características dos monstros podem ser

feitos pelos educadores e educadoras, visando estimular a imaginação e a criatividade dos e das estudantes;

- Onde vive o seu monstro? Para viver nesse lugar, como deve ser sua pele? É grossa, tem escamas, é coberta de penas?
 - Ele anda na terra ou voa?
 - Qual o tamanho da sua boca? Ele tem dentes? O que ele come? Ele usa a boca para se defender de predadores?
 - E as orelhas? São grandes ou pequenas? E os olhos de que cor são? Ele enxerga no escuro ou de baixo d'água?
 - Qual parte do seu corpo é mais forte? Ele corre muito? É pesado e se arrasta?
 - Ele tem uma cabeça ou mais?
 - E as pernas e braços? Quantos são?
 - É um monstro fêmea ou macho? Adulto, criança ou bebê?
 - Faça estas perguntas e elabore outras, para estimulá-los a pensar nas características de seus monstros.
- O enriquecimento dos desenhos através da investigação e exploração de linhas, formas e texturas é recomendado para uma representação mais completa de suas ideias. Nesse sentido, os objetos previamente guardados na caixa podem servir como referências úteis para detalhar seus monstros, em colaboração com os educadores e educadoras;
- É possível que os educadores e educadoras circulem entre as carteiras para identificar aqueles e aquelas que possam necessitar de orientação adicional. Conversas estimulantes sobre a criação dos monstros podem ser continuadas. Para os e as estudantes que concluírem seus desenhos rapidamente, a sugestão é aprimorá-los com novas texturas ou detalhes adicionais – como pelos, barbas, unhas e verrugas;
- Em casos em que o desenho de um ou de uma estudante seja semelhante ao de um ou uma colega, em vez de pedir que o desenho seja alterado, pode ser sugerido que detalhes únicos sejam adicionados para personalizar o monstro. A observação das marcas na folha para a adequada localização das cabeças e corpos dos monstros também é recomendada.

Apreciação

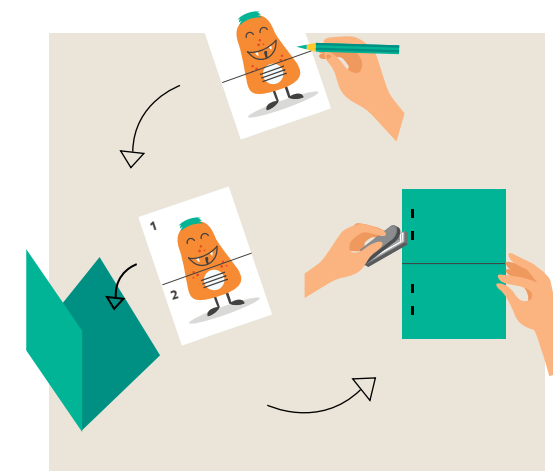
- Após a conclusão dos desenhos, uma reunião de breve apreciação dos trabalhos, antes do recorte, é sugerida. O momento também pode ser propício para uma discussão sobre o processo criativo por trás de cada monstro;
- Os educadores e educadoras podem convidá-los a compartilhar suas criações, destacando as características e habilidades dos monstros desenhados. Além disso, pode ser estimulante questionar sobre os objetos que serviram de referência, o uso de linhas e texturas, ou quais elementos os e as inspiraram na elaboração de seus monstros;



Montagem do livro

Depois que os e as estudantes tiverem visto e comentado seus desenhos, para montar o livro:

- Juntar todas as folhas bem alinhadas e no mesmo sentido;
- Grampear as folhas, certificando-se de colocar pelo menos dois grampos acima e abaixo do corte;
- Com uma régua e um estilete, fazer o corte bem no meio, tomando o cuidado de não chegar até a extremidade esquerda, para não separar o livro em dois, deixando uma margem de aproximadamente 3 a 5 cm;
- Para a capa, vale utilizar cartolina para estruturar melhor o livro. Depois que o miolo estiver cortado, dobre uma folha tamanho A3 ao meio para envolvê-lo e grampeie novamente. Decida com os e as estudantes uma ideia para a imagem da capa.



Com o livro pronto, mostre para todos como funciona, virando página por página e misturando os desenhos.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

- Os educadores e educadoras podem optar por adaptar essa atividade, cortando os desenhos em três partes em vez de duas. Em vez de desenhar, é possível utilizar a técnica de colagem para criar as ilustrações. Isso pode adicionar uma dimensão tátil e visualmente rica à atividade;
- Ao invés de pedir aos e às estudantes que imaginem um monstro a partir de objetos, os educadores e educadoras podem distribuir papéis com nomes de diferentes animais escritos. A tarefa seria criar um “monstro” combinando partes desses animais distintos – isso pode oferecer uma abordagem mais estruturada à atividade, enquanto ainda incentiva a criatividade e o pensamento fora da caixa.



ATIVIDADE 2 CONSTRUÇÃO COM PAPÉIS

APRESENTAÇÃO

Nesta atividade, estudantes serão desafiados e desafiadas a construir objetos tridimensionais usando apenas papel. Primeiramente, o grupo irá elaborar uma lista de ações que possam aplicar ao papel para transformá-lo em um objeto tridimensional. Em seguida, vão verificar na prática as inúmeras formas e volumes que surgem a partir de intervenções como dobras, amassados, curvas, pontas etc.



O objetivo é que estudantes percebam as relações entre formas e procedimentos em uma folha de papel e levantem hipóteses sobre as possibilidades de transformar outros materiais, usando as mesmas ações.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Esta é uma proposta em que o processo de pesquisa importa mais do que o produto resultante, portanto não se encerra na realização de um resultado. Seu objetivo é incentivar, nos e nas estudantes, uma postura investigativa, para que se sintam estimulados e estimuladas a explorar materiais e procedimentos nas atividades de Arte. Ao mexer e remexer em seus trabalhos de papel, eles e elas vão estabelecer relações entre os resultados, seus gestos, ações e intenções.

Por esse motivo é fundamental propor que cada um e cada uma encontrem uma maneira particular de solucionar os desafios, para que todos e todas compartilhem as soluções encontradas.

Apesar de alguns procedimentos serem os mesmos da dobradura, o resultado desse processo depende da ação de cada sujeito – uma dobradura segue uma receita ou fórmula, as etapas devem ter uma ordem precisa e o resultado sempre deverá ser igual. Neste caso, porém, os resultados surgem da experimentação, da investigação e da invenção de cada um e cada uma. Se, entre os trabalhos, surgirem formas que indicam algum objeto conhecido, isso poderá ser comentado, mas não deve ser mais valorizado do que os que não são figurativos.

Nesta atividade, estudantes vão transitar pelos conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade. O objetivo é comparar objetos tridimensionais com suas representações bidimensionais no papel e entender a distinção entre os dois conceitos. Por meio da experiência, devem perceber que não é possível representar no plano bidimensional os vários ângulos e pontos de vista de um objeto tridimensional – desenhos mostram apenas um lado ou ângulo dos objetos. Estudantes serão desafiados e desafiadas a criar usando o mínimo de material para obter resultados individuais, que devem ser observados e valorizados por você. É importante realçar que enfrentar limitações, como restrição de material, pode gerar resultados inovadores.

Estudantes vão levantar hipóteses e experimentar maneiras para transformar o papel em um objeto. Nessas experiências, observarão que, ao utilizar diferentes procedimentos para trabalhar com um material, podem obter resultados variados. O material utilizado nessa atividade é muito simples e acessível, o que deve possibilitar ao ou à estudante experimentar sem medo de errar – o que ele ou ela precisará, apenas, é se aproximar do material com um novo olhar, o de pesquisador ou pesquisadora.

Esta experiência pode gerar um novo conhecimento que se traduza em uma nova maneira de pensar, de antecipar e de imaginar como essas mesmas ações poderiam transformar outros materiais, como chapas de ferro, papelão, plástico ou tecido, transferindo o conhecimento adquirido para outras situações de aprendizagem.



COMO SE PREPARAR

- Antes de conduzir a atividade, é sugerido que os educadores e educadoras construam um objeto tridimensional com papel para compreender melhor o processo e antecipar algumas das experiências que os e as estudantes enfrentarão;
- Para esclarecer os conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade, objetos e seus respectivos desenhos podem ser levados à sala de aula para comparação. O intuito é permitir que estudantes façam uma distinção entre representações tridimensionais e suas contrapartes bidimensionais;
- A reutilização de folhas de papel, desde que não estejam amassadas, é uma opção viável nesta atividade. Os papéis podem ser cortados em tamanhos como 15 cm x 15 cm, 4 cm x 4 cm e 15 cm x 4 cm, assegurando que haja um número suficiente de pedaços variados para cada estudante.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Papéis variados: sulfite, papel espelho, papel já utilizado.

ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- A organização da sala com as carteiras em forma de círculo é sugerida pelos educadores e educadoras para facilitar o acompanhamento das explicações e promover a interação entre os e as estudantes. As folhas de papel podem ser colocadas em uma mesa no centro do círculo, de modo a permitir que todos e todas distingam entre os diferentes formatos e tipos disponíveis;
- Pode ser encaminhada uma conversa inicial sobre os materiais utilizados na atividade. É possível esclarecer que a tarefa envolverá o uso exclusivo de papel e mãos, sem o auxílio de canetas ou lápis. O objetivo da atividade é transformar uma folha plana em um objeto tridimensional, sem o uso de desenhos;



DIFERENÇA DE DIMENSÕES

Para elucidar o conceito de tridimensionalidade, objetos e seus desenhos correspondentes podem ser apresentados pelos educadores e educadoras. É possível destacar que um objeto permite a visualização de todas as suas dimensões – altura, largura e profundidade – de diversos ângulos, enquanto um desenho limita a perspectiva a um único ponto de vista. Caso os e as estudantes busquem diferentes ângulos, perceberão nuances como sombras e luzes que influenciam a percepção do objeto.

A diferença entre os conceitos bidimensionais e tridimensionais pode se tornar mais clara ao se comparar um objeto físico com um desenho ou, como complemento, com uma fotografia. Questões podem ser levantadas para estimulá-los, tais como: “O que fica oculto em uma foto ou imagem do objeto?”, “É possível determinar o peso do objeto?” ou “Quais informações adicionais podem ser obtidas ao observar o objeto diretamente?”.

Por meio dessas perguntas, pode-se facilitar uma discussão sobre as características dos objetos e as informações que eles oferecem em comparação com suas imagens ou desenhos. Ao final, é possível consolidar seus entendimentos sobre os conceitos de bidimensionalidade e tridimensionalidade.

Transformar o bidimensional em tridimensional

- Uma folha de papel em branco pode ser apresentada aos e às estudantes, e a questão sobre seu uso habitual pode ser levantada: como costumamos usar essas folhas? Para criar algo bidimensional ou tridimensional? É possível lembrar que diversas atividades podem ser realizadas em uma folha de papel, como desenhar, pintar, colar ou escrever. A possibilidade de transformar a folha de papel em um trabalho tridimensional pode ser sugerida;
- Questões que podem ser formuladas:
 - Já se envolveram em algum projeto tridimensional nas aulas de Arte? Quais materiais foram utilizados?
 - Vocês acham que é possível fazer algo tridimensional com papel? Como?
 - O que podemos fazer para o papel ficar de pé?
 - Vamos fazer coisas para ele sair do chão?
 - O que a mão faz?

- Estudantes podem ser encorajados e encorajadas a compartilhar suas ideias e reflexões antes de novas questões serem apresentadas:
 - O que será que vai acontecer se eu dobrar esta folha?
 - E se eu dobrar novamente?
 - E o que mais posso fazer além de dobrar?
 - O que mais podemos fazer para esse papel ficar de pé?
- Enquanto as ações são realizadas no papel, estas podem ser enumeradas na lousa para referência: dobrar, amassar, encaixar, recortar, furar, enrolar. A combinação de duas ou mais dessas ações, como torcer e rasgar, também pode ser explorada neste momento. Sugestões adicionais sobre o que pode ser feito com o papel são bem-vindas e podem ser registradas na lousa;
- Os educadores e educadoras podem facilitar esse processo de levantar e trocar ideias, incentivando a criatividade e o pensamento crítico.

Transformando o papel

- Estudantes podem ser convidados e convidadas a se dirigirem ao centro da roda para selecionar, cada um e cada uma, três folhas de papel. A orientação é que uma única ação seja escolhida para cada folha, como amassar na primeira, furar na segunda e enrolar na terceira – sugere-se uma variedade nas ações para enriquecer a experiência;
- O mobiliário central pode ser removido para dar espaço aos trabalhos resultantes. É recomendável que esses sejam posicionados sobre um fundo escuro, como um pano ou papel. Em seguida, um convite pode ser feito aos e às estudantes para formarem uma roda no chão;
- Diferenças nos resultados, possivelmente decorrentes de ações ou suportes de tamanhos variados, podem ser observadas e discutidas. Formas inesperadas e a frequência de ações aplicadas também podem ser temas de conversa entre os educadores e educadoras e os e as estudantes;
- Como uma atividade focada na observação, os trabalhos podem ser classificados e agrupados conforme os critérios discutidos. Essa categorização pode ser dinâmica, permitindo agrupamentos e reagrupamentos com base em sugestões dos e das estudantes.

Bicho inventado

- Um retorno às carteiras na formação de uma roda pode ser sugerido, com a orientação de que apenas uma folha de papel seja utilizada no próximo exercício. O desafio proposto pode ser a criação de um animal tridimensional, utilizando qualquer combinação de ações desejadas. A liberdade criativa é enfatizada; animais com características diversas, como asas e nadadeiras, são possíveis;
- O aprendizado por meio da observação de ações dos e das colegas pode ser uma abordagem eficaz para expandir o repertório criativo. A possibilidade de o animal idealizado não surgir imediatamente, mas apenas após múltiplas tentativas, é algo que pode ser comunicado;

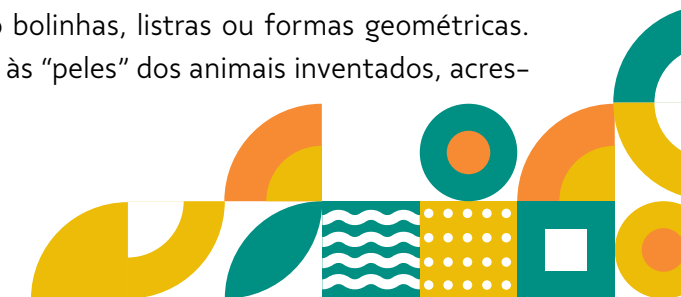
- A ideia de experimentação, por meio do fazer, desfazer e refazer, bem como a combinação de diferentes ações, pode ser reforçada para aprimorar os trabalhos. Se for observado que a folha de um ou uma estudante está excessivamente manipulada sem resultados visíveis, a oferta de mais papel pode ser feita pelos educadores e educadoras.

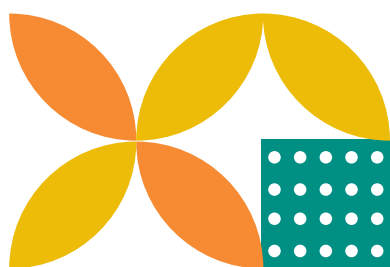
Apreciação

- Os animais de papel podem ser levados para um ambiente externo, como um pátio ou jardim. Lá, uma observação mais detida dos trabalhos pelos e pelas estudantes é incentivada pelos educadores e educadoras. Reflexões sobre as semelhanças com animais reais ou combinações de diferentes animais em um único trabalho podem ser exploradas. Uma atividade lúdica, na qual os habitats, comportamentos e dietas dos animais criados são imaginados, pode ser sugerida, assim como a nomeação desses animais inventados;
- Os experimentos realizados na etapa inicial podem ser também trazidos para este ambiente externo. Desta forma, conexões entre os métodos usados nas duas etapas podem ser identificadas pelos e pelas estudantes;
- Uma classificação dos animais de papel criados é possível e pode ser incentivada pelos educadores e educadoras. Discussões sobre os procedimentos e técnicas empregadas na criação dos animais também podem ser propostas, enriquecendo o entendimento sobre o processo criativo:
 - **1º bicho:** torcido, amassado, torcido.
 - **2º bicho:** furado, enrolado, amassado.
 - **3º bicho:** dobrado, amassado, amassado.
- Provavelmente os bichos pertencem a diferentes conjuntos e isso pode disparar uma conversa sobre como identificar cada um, tendo como critério os procedimentos utilizados.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

- Variações no tipo de papel, como cartolina, papel cartão e papelão, podem ser exploradas na atividade. Os educadores e educadoras podem observar como esses materiais distintos reagem às mesmas ações aplicadas anteriormente;
- Em relação à textura, a criação prévia de padrões nos papéis pelos e pelas estudantes é uma possibilidade. Instrumentos como lápis ou canetas coloridas podem ser utilizados para preencher as folhas com padrões variados, como bolinhas, listras ou formas geométricas. Assim, texturas distintas podem ser incorporadas às “peles” dos animais inventados, acrescentando uma nova dimensão ao projeto.



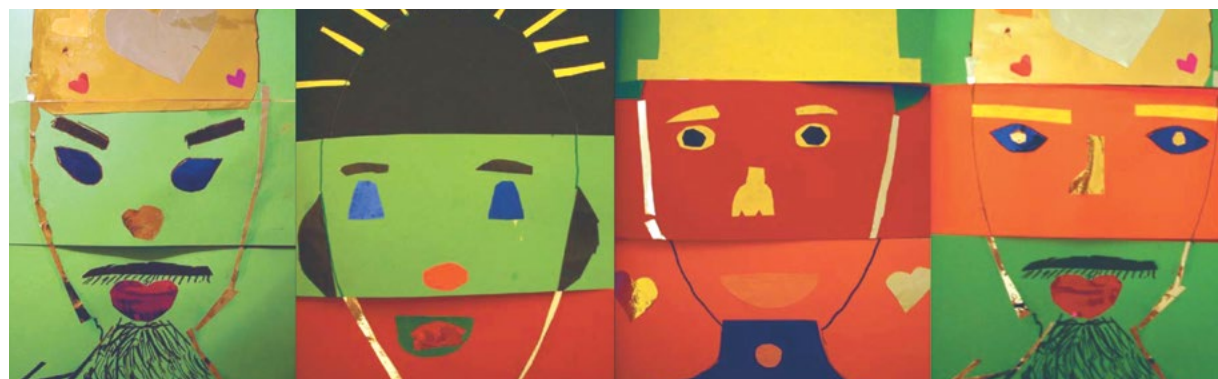


ATIVIDADE 3 DESENHANDO COM A TESOURA

APRESENTAÇÃO

Nesta atividade, estudantes definirão suas figuras utilizando procedimentos de recorte, com o objetivo de ampliar o repertório de atividades com a tesoura e relacionar o recorte de figuras e formas aos procedimentos do desenho. A partir dessa experiência, vão sistematizar procedimentos de recorte para produzir figuras com papéis variados.

Ao encarar o desafio de recortar figuras sem antes desenhar seu contorno, estudantes aprimorarão sua percepção em relação ao desenho. Isso acontece porque usar a tesoura para desenhar cria obstáculos diferentes dos que enfrentam com o uso de lápis e caneta, exigindo que elaborem novas estratégias.



O QUE É IMPORTANTE SABER

Desenhar é um meio de expressão muito comum entre as crianças pequenas, uma das primeiras formas de linguagem à qual elas recorrem. Basta um lápis e um papel ou o chão e um pedaço de giz, ou mesmo a ponta dos dedos sobre uma superfície empoeirada.

Experiências variadas de desenho têm sido incluídas na formação do repertório artístico das crianças e jovens. Muitas propostas sugerem diferentes tipos de materiais: giz de cera, giz de lousa, canetas hidrográficas e lápis específicos para desenho.

Mas desenhar pode ir além dos riscos e traços sobre o papel. Podemos desenhar também com outros instrumentos, como pontas secas, palitos e pedaços de gravetos na areia molhada. Experiências mais ousadas também devem fazer parte da construção do repertório dos e das estudantes.

Desenhar com a tesoura, criando as figuras e imagens diretamente no papel, é uma experiência que funde o desenho com o recorte e propõe novos desafios a eles e elas. Na investigação que empreenderão para superar esses desafios, precisarão pensar de novas maneiras sobre as formas e contornos das figuras, seu tamanho e suas proporções.

Nesta atividade, as formas serão recortadas no papel sem desenho prévio. O objetivo é que dispensem o lápis: em vez de desenhar os contornos para em seguida preenchê-los com lápis de cor ou canetas coloridas, desenharam diretamente com a tesoura, recortando papéis brancos e coloridos para criar as figuras – forma e cor serão trabalhadas simultaneamente. A figura será definida pelo próprio procedimento do recorte direto no papel, que deixa de ser suporte e se torna o material do desenho.

Se estudantes não utilizam a tesoura com a mesma frequência com que usam o lápis, sua capacidade de lidar com ela de maneira adequada e livre em trabalhos de arte fica muito limitada, e seu uso vai ficando cada vez mais raro e menos variado. Normalmente, a tesoura é usada como um recurso simplificado e funcional, que atende a necessidades pontuais na confecção de produtos finais. Com isso, as aprendizagens que estão relacionadas ao seu uso ficam em segundo plano.

A tesoura funciona como uma extensão do corpo, assim como o lápis. Ao experimentar as várias possibilidades do contato direto da tesoura com as cores do papel e do movimento alinhado com o instrumento, estudantes podem pesquisar infinitas possibilidades de combinar formas e cores.

COMO SE PREPARAR

- Pesquisas sobre trabalhos de recorte em papel de artistas como Henri Matisse, Pablo Picasso e Lygia Clark podem ser realizadas pelos e pelas educadores. Imagens representativas desses artistas, preferencialmente em cópias coloridas, podem ser reunidas para referência. Para preservação, as imagens podem ser armazenadas em saquinhos plásticos ou fixadas em papel mais resistente.
- Papéis coloridos previamente pintados pelos e pelas estudantes podem ser preparados. Além disso, é possível organizar uma coleta de papéis de presente e embalagens coloridas, enriquecendo o leque de materiais disponíveis para a atividade.



MATERIAL NECESSÁRIO

- Tesouras;
- Papéis brancos, pretos, coloridos comprados ou cartolina branca tingida, retalhos de papéis de presente e de embalagens, papel madeira (se possível);
- Guaches coloridos, anilinas coloridas, álcool;
- Trinchas chatas de pintor, rolinhos de espuma;
- Varal e pregadores, cola bastão ou cola branca.

ATIVIDADE

Preparação dos papéis

- É importante que estudantes se envolvam na confecção e coleta de seu material de trabalho, pois assim ampliam seu repertório de possibilidades para a pesquisa e produção artística e deixam de se restringir unicamente aos materiais convencionais;
- Nesta atividade, é importante trabalhar com papéis coloridos. Se a escola não dispuser desse recurso, é possível prepará-lo, com ajuda dos e das estudantes, pintando folhas brancas com guache. Nesse caso, a cartolina branca é indicada, por ser mais resistente;
- Os papéis podem ser pintados com pincéis grandes e largos, como as trinchas chatas de pintor, ou com rolinhos de espuma, com duas camadas de tinta uniformes, sempre no mesmo sentido, e devem secar muito bem antes de serem utilizados. Se a escola não tiver tintas, use anilina dissolvida em álcool;
- Guardar os materiais que sobram de outras ações é uma atitude que estudantes precisam desenvolver. Assim, ao mesmo tempo em que contribuem para diminuir o lixo, têm seu olhar estimulado para observar o que é descartado – que muitas vezes contém matérias-primas que podem ser reutilizada em novas atividades.

Apresentação da proposta

- Uma organização das carteiras em forma de roda para a apresentação da atividade pode ser sugerida pelos educadores e educadoras. A proposta de usar a tesoura como instrumento de desenho, em vez de seguir contornos ou linhas predefinidas, pode ser compartilhada com eles e elas. Inicialmente, pode haver certo estranhamento, por parte dos e das estudantes, ao ouvir que a tesoura pode ser usada dessa forma, mas a compreensão tende a se desenvolver com o tempo e com as tentativas de uso.

Apreciação de imagens produzidas por artistas

Uma apreciação de imagens de trabalhos de recorte pode ser organizada pelos educadores e educadoras para facilitar o entendimento. O foco pode estar em obras de artistas como Henri Matisse, Pablo Picasso e Lygia Clark, previamente selecionadas.

- Discussões sobre como as obras foram feitas podem ser iniciadas, incentivando-os e incentivando-as a levantar hipóteses sobre os materiais e procedimentos observados. A participação pode ser organizada através da levatada de mãos, para que as contribuições sejam ouvidas de forma ordenada;
- O incentivo à especulação sobre estratégias e procedimentos adotados pelos artistas é possível, sem a pressão de acertar exatamente como as obras foram feitas. A ideia é que estudantes comecem a ponderar sobre diferentes técnicas que poderão utilizar;
- Por exemplo, a contínua forma de recorte da figura humana por Matisse, sem retirar a tesoura do papel, difere da técnica de Picasso, que envolve o recorte de partes separadas. Tais observações podem antecipar as próximas etapas da atividade, que envolverão o recorte de figuras por partes e o recorte contínuo.

Recorte de figuras por partes

- Após a roda de conversa, a etapa inicial da proposta poderia envolver o recorte de figuras por partes, um método frequentemente utilizado pelos e pelas estudantes. Grupos podem ser formados, preferencialmente com quatro estudantes por mesa, e tesouras podem ser distribuídas. A seleção do tema do recorte – seja figuras humanas, animais ou objetos – fica a critério de cada estudante. O recorte de cada parte da figura escolhida pode ser feito diretamente no papel, sem o auxílio de desenhos de contorno;
- Sobras de recorte podem ser coletadas e reservadas para futura observação. As figuras recortadas e as áreas vazias do papel que sobraram, conhecidas como figuras em positivo e negativo, respectivamente, poderão ser objeto de análise posterior;
- Ao terminar os recortes, estudantes podem ser encorajados e encorajadas a explorar diversas combinações antes de decidirem sobre a figura final – as partes recortadas podem ser dispostas sobre a mesa, como se fossem componentes de um jogo de montar. Após experimentarem várias combinações, as partes escolhidas podem ser coladas em um suporte de



PROCEDIMENTOS DIFERENTES

Durante a atividade, alguns estudantes poderão, espontaneamente, experimentar procedimentos diversos, como dobrar a folha de papel antes de realizar o recorte, tentar recortar com a mão, rasgando o papel, e outras ideias que possam aparecer. Desde que essas experimentações não escapem à proposta de recortar partes de figuras sem desenhar no papel, você pode permitir que elas aconteçam e até compartilhar com a turma, mas sem sugerir que todos copiem cada nova ideia.

papel de outra cor, de acordo com o formato e o tamanho de preferência deles e delas.

- Se algum ou alguma estudante optar por montar a figura unindo as partes diretamente, sem o uso de um suporte, essa escolha pode ser apoiada e incentivada pelos educadores e educadoras – nessa situação, é possível que as partes sejam coladas umas nas outras. Os trabalhos dos e das estudantes podem ser dispostos sobre uma folha de papel madeira no chão, pendurados em um varal ou afixados na parede da sala para a fase de apreciação final.

Recorte contínuo

- Na segunda etapa, o foco está no recorte contínuo de figuras. Nesse estágio, é possível que estudantes recortem figuras de humanos, animais, casas e objetos, similarmente à etapa anterior. O desafio é notável, já que crianças dessa idade geralmente não têm o hábito de recortar dessa forma;
- Professores e professoras podem orientar que a tesoura comece em um lado do papel e siga uma trajetória definida, subindo, descendo ou indo para os lados, baseada na figura escolhida. Ritmos variados de corte podem ser adotados para demarcar o percurso da tesoura sobre o papel;
- Uma demonstração do processo de recorte contínuo pode ser realizada pelos educadores e educadoras, sem, no entanto, fornecer uma figura específica para ser copiada. Sugere-se a escolha de diversas formas geométricas como exemplo;
- É também possível que estudantes optem por trabalhar com o mesmo tema e figura da etapa anterior, contanto que o recorte seja contínuo. Sem um contorno definido para seguir, podem utilizar referências próprias, como se estivessem desenhando com a tesoura;
- Após o término dos recortes, as figuras podem ter suas extremidades dobradas para adquirir um aspecto escultural ou serem penduradas para movimentação. Interação entre os e as estudantes, usando as figuras como se fossem marionetes, também é uma possibilidade;
- Por fim, as obras concluídas e os restos de papel podem ser pendurados em um varal, permitindo que as figuras adquiram movimento e autonomia no espaço.

Apreciação

Para a etapa de apreciação dos resultados, estudantes podem ser reunidos e reunidas em frente ao varal. A observação e comparação das produções são atividades que podem ser encorajadas, destacando:

- Se há semelhanças e diferenças entre os dois procedimentos de recorte.
- Se os recortes contínuos modificam a figura, como isso acontece e por quê.
- Se os recortes contínuos ampliam as possibilidades das figuras, como e por quê.
- Se foi possível recortar as figuras de forma contínua e, se não foi possível, por que motivo.
- Quais tipos de figuras apareceram.
- Se é possível estabelecer conexões e relações entre elas. Quais?
- Se é possível agrupá-las e classificá-las. Com que critérios?
- Se é possível usar essas figuras em outra situação criadora.
- Se as figuras recortadas são planas ou tridimensionais.
- Se as figuras em negativo, das sobras do recorte, podem ser consideradas figuras ou somente as positivas.
- Se as figuras em negativo podem ser usadas para outra situação de aula de Arte.

Colocações como essas permitem que os e as estudantes possam avaliar o seu processo de fazer.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

- **Rasgaduras – recortes de figuras com as mãos:** proponha que as etapas de recorte de partes e recorte contínuo sejam feitas usando-se apenas as mãos como instrumento, no lugar da tesoura – deixe que os e as estudantes experimentem essa ação para verificar a diminuição do controle no ato de recortar. Por isso, o desenho na rasgadura deve ser mais solto e menos rígido do que o desenho com a tesoura. Também funciona como um ótimo exercício motor;
- **Montagens imaginárias:** quando terminados os recortes com a mão ou com a tesoura em partes, sugira que estudantes troquem as partes das figuras entre si. Por exemplo, quem recortou a figura humana pode trocar cabeças, pernas e roupas com outros e outras colegas e montar uma figura mesclando partes recortadas por vários e várias estudantes da classe. Ao se misturar parte de figuras humanas e de bichos ou de diferentes bichos, podem surgir figuras imaginárias bem interessantes: uma cabeça de elefante, misturada com o corpo de uma galinha e o rabo de um jacaré, por exemplo;
- **Recorte de observação:** realize a atividade de recorte por partes ou recorte contínuo, colocando no centro da sala algum objeto para os e as estudantes observarem. Enquanto observam, iniciam o processo do recorte, sem desenhar antes. Peça que eles e elas observem detalhes de formas, linhas, dimensões e texturas. Essa atividade também pode ser feita com a figura humana. O ou a estudante que vai posar pode inventar uma pose bem diferente, como se estivesse realizando uma ação, fazendo algo. Assim, estudantes podem construir um painel com estes recortes, integrando-os numa criação coletiva. Podem, ainda, criar um cenário para suas figuras.



ATIVIDADE 4

DESENHO A PARTIR DA DESCRIÇÃO DE UMA CENA

APRESENTAÇÃO

Nesta atividade, estudantes realizarão um desenho a partir de um texto ditado, de modo a representar elementos que não desenham com frequência, organizando no papel, por meio de elementos da linguagem visual, as ideias que compreendem e assimilam do texto. Este processo exigirá diversas escolhas, como identificar e selecionar as informações que usarão para desenhar, determinar o que colocar em destaque e decidir como relacionar diferentes informações e elementos na composição do desenho.

O QUE É IMPORTANTE SABER

O foco desta atividade é que eles e elas desenhem a partir de informações que estão em um texto ditado pelo professor ou professora, procurando criar uma imagem em que sejam identificados fundo e figura. O maior desafio está na composição da cena, e isso pode não ser conseguido numa primeira tentativa. Por isso, essa Atividade Habitual deve ser repetida muitas vezes e de forma variada, para que estudantes aprendam com suas experiências e as de seus e suas colegas, contando, também, com as suas orientações e com a apreciação dos trabalhos.

Este é um exercício para que estudantes desenvolvam o uso dos elementos da linguagem, mobilizando e ampliando seu repertório tanto para desenhar objetos ou elementos que conhecem, mas que nunca desenharam, quanto para desenhar elementos para os quais desenvolveram desenhos estilizados ou fórmulas que se repetem com frequência, como casinhas, árvores, sol e bonecos de palito.

Para realizar esse desafio, é importante que eles e elas se sintam à vontade para criar novas formas de desenhar. Portanto, acolha suas dúvidas e incentive-os e incentive-as a explorar maneiras variadas de representação no desenho. Para estimulá-los e estimulá-las a desenhar, vale escolher textos que descrevam lugares e objetos com riqueza de detalhes, que falem de qualidades, como o material de que a casa é feita, se tem telhado alto e pontudo ou se é de pau a pique, coberta de palha ainda fresca, e outras tantas características que possam sugerir cores, texturas e demais qualidades gráficas.

Leia o texto quantas vezes achar necessário para que todos e todas possam extrair o máximo de informações.

Para explorar as relações entre fundo e figura, o texto escolhido deve desafiá-los e desafiá-las a lidar com noções de espacialidade, profundidade e proporção. É importante que o texto tenha trechos com informações de localização (em cima, embaixo, longe, perto, ao lado) e de dimensão (grande, pequeno, maior, menor).

Oferecer papéis coloridos de formatos variados pode ajudar o grupo a perceber que a proposta dessa atividade é que cada um procure soluções particulares para seu desenho – mesmo que todos e todas ouçam o mesmo texto, não haverá nenhum desenho igual ao outro.



COMO SE PREPARAR

- A primeira etapa envolve a seleção do texto que será lido. É possível escolher obras já em uso com a classe, focando em textos descritivos de cenas de interiores que ofereçam ricos detalhes ambientais e informações adequadas para o desenho e para a exploração de figura e fundo pelos e pelas estudantes;
- As partes descritivas da narrativa podem ser identificadas para serem destacadas durante a leitura;
- O ritmo e o tempo da atividade de leitura podem ser planejados de modo que permitam aos e às estudantes desenhar com tranquilidade;
- Quanto aos materiais, é possível preparar papéis em diversos formatos e tamanhos com antecedência. Variações como papéis mais compridos, quadrados ou redondos são sugeridas. O uso de papel colorido ou o tingimento com anilina pode ser considerado.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Papéis em formatos e cores variados.

ATIVIDADE**Apresentação da proposta**

- Na atividade individual, a organização da sala pode ser mantida como de costume, visto que as soluções de cada estudante serão influenciadas por seu próprio repertório visual e habilidades de desenho;
- Pode ser iniciada uma conversa que relacione o ditado convencional ao que será feito nesta atividade, na qual estudantes desenharam o que escutam;
- É possível informar que um texto será lido e, em vez de transcreverem as palavras, estudantes estarão desenhando o que ouvem;
- Os papéis a serem utilizados para o desenho podem ser apresentados pelos educadores e educadoras, comentando-se as possíveis maneiras de organizar elementos no espaço. Isso pode ser uma oportunidade para antecipar discussões sobre escala, proporção e profundidade;
- É sugerido que estudantes não utilizem borrachas para manter a sincronia entre a escuta e a produção visual;
- A importância de não se preocupar em “acertar” o desenho pode ser enfatizada, permitindo que linhas imprevistas sejam integradas à composição. Estudantes podem ser lembrados de que o texto trará elementos surpresa, e o desafio será organizá-los na folha conforme são apresentados na leitura.

Ditado e produção

- A preparação da classe com papel e lápis sobre as mesas pode ser sugerida antes do início do ditado. Durante a leitura, os educadores e educadoras podem circular entre as carteiras e aproveitar pausas para observar os e as estudantes em seu processo de desenho;
- Deve-se considerar que esta atividade pode ser nova e inusitada para o grupo. O texto pode ser ditado de forma calma, com ênfase nos detalhes, para permitir que formem uma imagem mental do que está sendo descrito;
- Se necessário, a repetição de um trecho da leitura é possível.

**SOLUÇÕES INDIVIDUAIS**

Observe as diferentes soluções e características gráficas que aparecem nos desenhos: sobreposições das linhas dos elementos que vão sendo desenhados durante a descrição, dando a impressão que um objeto está sobre o outro; desenhos repletos de informação por toda página, ou estudantes que desenharam como se estivessem classificando os objetos numa lista, dispostos no papel sem obedecer ou imaginar a organização espacial do ambiente. Tudo isso pode acontecer, e é importante observar e comentar com eles e elas.

Nesse caso, peça que façam um novo desenho, procurando organizar os elementos segundo a cena descrita. Retome o texto ou apenas lembre a cena – o que está na frente, o que está atrás, o que fica ao lado, o que é grande, está perto e assim por diante. Desse modo, todos e todas podem visualizar a cena e reorganizar os elementos em um novo desenho. Quem já fez isso na primeira tentativa pode ser convidado ou convidada a acrescentar detalhes.

- Após a leitura do texto ter sido realizada quantas vezes forem consideradas necessárias alguns minutos podem ser dados para que os e as estudantes concluam o desenho dos detalhes.

Apreciação

- Um varal para a exibição dos trabalhos na sala de aula pode ser organizado pelos educadores e educadoras;
- Incentivar os e as estudantes a observar as criações de seus colegas;
- Pode-se iniciar uma discussão com a turma sobre a diversidade de soluções e estilos revelados na atividade. Nela, desenhos com resultados distintos podem ser selecionados para comentários sobre a distribuição das linhas, tipos de traços, detalhes dos objetos, e outros aspectos que ilustrem a variedade de interpretações;
- Os educadores e educadoras podem observar essa variedade nos resultados, identificando como diferentes estudantes usam seus conhecimentos prévios para interpretar a descrição. Quando algo for desenhado de forma particularmente única, pode ser perguntado ao ou à estudante quais memórias ou referências foram utilizadas, incentivando o compartilhamento com o grupo;
- Estudantes podem ser encorajados e encorajadas a observar os desenhos para identificar as variadas maneiras de representação e interpretação da cena descrita.

VARIAÇÕES PARA A ATIVIDADE

- **Montagem de cenários:** a realização do ditado de desenho pode ser adaptada, de forma que, em vez de reproduzirem a cena completa, estudantes sejam incentivados e incentivadas a desenhar os objetos e elementos de forma isolada, seja em uma lista ou distribuídos pela folha. Após o término, os elementos desenhados podem ser recortados para a montagem de uma cena em pequenos grupos – a apreciação pode se concentrar em questões de posição, localização e proporção entre os objetos;
- **Leitura única:** os educadores e educadoras podem optar por seguir o roteiro da atividade inicial, mas com uma única leitura pausada do texto. Para a etapa final, é sugerido que utilizem guache para pintar a cena, preferencialmente em uma folha mais resistente como cartolina. O foco da apreciação pode permanecer o mesmo da proposta inicial.



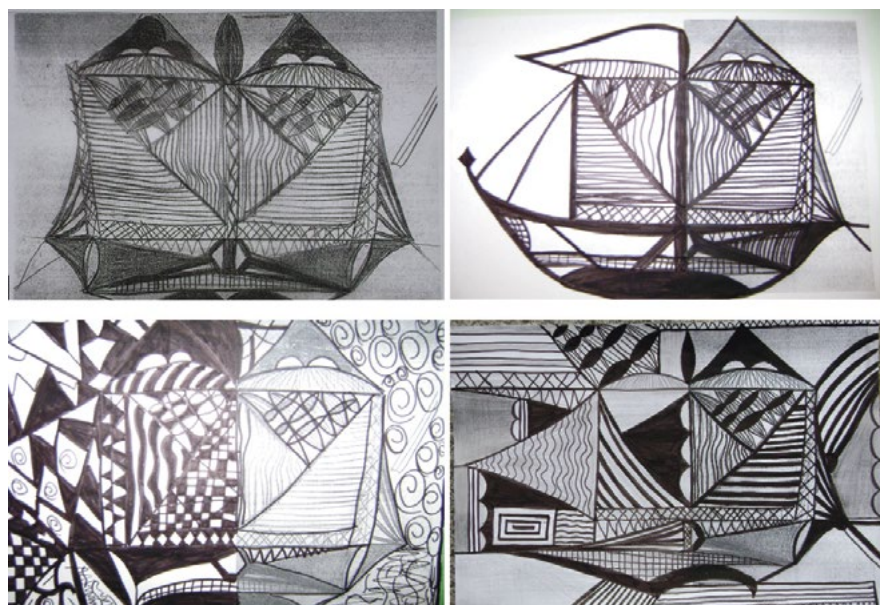
ATIVIDADE 5

DESENHO A PARTIR DE UMA INTERFERÊNCIA

APRESENTAÇÃO

Nesta atividade, estudantes são solicitados e solicitadas a desenhar a partir de um fragmento de uma imagem – o fragmento funciona como algo que dispara a produção, um incentivo à imaginação. Pode ser a imagem de um tronco de árvore, uma linha, uma roda de bicicleta, um padrão num pedaço de tecido ou apenas uma forma sugestiva. O desafio é incorporar esse fragmento, criando figuras e soluções gráficas ainda não experimentadas no desenho espontâneo da criança. O que se quer é aguçar o imaginário, estimular sua capacidade de construir imagens a partir de outras visualidades. Além disso, contribuir para que encontrem diferentes soluções e caminhos para seus desenhos, possibilitando que imaginem diferentes formas a partir de um fragmento encontrado no papel, incorporando-o ao desenho de forma pessoal.

Ao final da atividade, durante a apreciação dos trabalhos, será interessante acompanhar como esses fragmentos funcionaram: os caminhos e possibilidades explorados pelas crianças, suas maneiras de produzir, de observar e de ver o mundo.



O QUE É IMPORTANTE SABER

Esta atividade está vinculada ao desenho de imaginação – aquele em que estudantes lançam mão de experiências que assimilaram, ao apreciar imagens, fazer desenhos de observação, resgatar elementos de sua memória, articulando uma ou outra coisa para compor conforme seus interesses.

Chamamos “interferência” o que usamos para disparar o desenho do ou da estudante, que pode ter diferentes procedências. Fragmentos de uma imagem, um traço no papel, um adesivo, uma semente, um tecido estampado, detalhes de paisagens, uma forma recortada, tudo isso pode servir para disparar a produção, para aguçar a imaginação da criança e desafiá-la a produzir.

A seleção de imagens para esta atividade sugere a escolha de detalhes de figuras – fragmentos que provoquem o olhar dos e das estudantes e deflagrem possibilidades de experimentar desenhos criados com texturas, linhas, cores, tramas, formas, diagramas, pontos. Por exemplo, um pedaço de tecido colado no papel pode disparar explorações e construções de padrões, fazendo o desenho “crescer” e se engrandecer nas suas potencialidades gráficas.

Da imagem de uma árvore podemos isolar fragmentos como seu tronco, sua copa, suas raízes ou mesmo uma folha. Da imagem de um barco podemos reter a proa, as velas, os mastros ou a popa. Da imagem de uma pessoa, podemos obter detalhes como braços, pernas, cabeça, sapatos etc. Os fragmentos podem ser recortados com o auxílio de um visor simples, como uma janelinha recortada em um papel – isso possibilita isolar e selecionar detalhes de um todo. Passando o visor sobre uma imagem maior, o olho pode captar um detalhe interessante da figura. Esse detalhe pode ser recortado e colado na folha de papel branco para ser entregue às crianças.

COMO SE PREPARAR

- Uma caixa contendo diversos fragmentos de imagens pode ser organizada para enriquecer as atividades diárias relacionadas ao desenho de interferência na sala de aula. A seleção desses fragmentos é possível por meio de várias fontes, como revistas, fotografias, papéis estampados de texturas variadas, e materiais impressos diversos;
- Fragmentos podem ser colados em folhas de papel, buscando-se uma diversidade de imagens. Assim, uma ampla gama de opções pode ser oferecida aos e às estudantes;
- Para a exposição e o acesso fácil aos fragmentos, um varal acompanhado de pregadores pode ser montado;
- No caso de atividades que envolvam visores, a utilização de papel mais duro e encorpado é recomendada. Um quadrado de aproximadamente 15 cm pode ser cortado e uma janela de 4 cm de lado pode ser aberta no centro;
- Deste modo, educadores e educadoras têm à disposição um conjunto de recursos variados para engajar os e as estudantes de forma criativa.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Fontes de imagem: revistas, anúncios, panfletos de construtoras etc;
- Folhas de papel branco;
- Tesoura e cola bastão;
- Canetinhas hidrográficas pretas e coloridas, finas e grossas;
- Lápis de cor e lápis grafite;
- Varal e pregadores;
- Papel encorpado para a confecção do visor;
- Estilete.

ATIVIDADE**Apresentação da proposta**

- Um varal esticado com suportes contendo fragmentos colados pode ser organizado pelos educadores e educadoras, e estudantes podem ser envolvidos e envolvidas nesse processo;
- É possível sugerir que se levantem de suas carteiras para observar o varal de imagens e refletir sobre o objetivo das imagens apresentadas. Uma apreciação breve dos fragmentos pode ser conduzida, permitindo que compartilhem suas observações sobre os detalhes das figuras e suas possíveis características;
- Diferenciações entre pedaços de figuras e pedaços de texturas ou outros elementos podem ser discutidas. A atenção pode ser direcionada para as diversas formas de sobreposição dos fragmentos nos suportes – os critérios para a seleção dos detalhes podem ser comentados pelos educadores e educadoras;

**PENSAMENTO VISUAL**

Ao observar e comentar os suportes no varal, estudantes já estão iniciando seu fazer, criando imagens em seu pensamento. Muitas vezes, antecipam o seu fazer, se reconhecem nas figuras e começam a planejar verbalmente o que irão fazer a partir daquele estímulo inicial. Encoraje esta verbalização para que a classe perceba que existe um potencial criador tanto nos fragmentos ali colados como em cada criança individualmente.

Disparando uma ideia

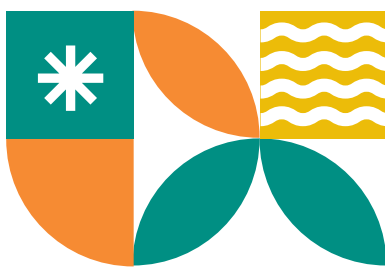
- Antes do início do desenho, a observação das figuras coladas nos suportes a partir de diferentes ângulos pode ser incentivada;
- Durante a atividade, intervenções verbais podem ser realizadas pelos educadores e educadoras enquanto circulam entre as mesas, observando as transformações nos desenhos e, se for o caso, comentando novas ideias e mudanças durante o curso da atividade.

Apreciação

- Uma vez concluídos os desenhos, estudantes podem ser organizados e organizadas para se sentar em frente ao varal. Uma conversa de apreciação pode ser iniciada, convidando-os e convidando-as a refletir sobre suas expectativas iniciais e o que imaginaram a partir dos fragmentos escolhidos;
- Vale conduzir discussões sobre os resultados das produções artísticas e a incorporação dos fragmentos de imagem. Em cada obra, pode ser observado e comentado pelos educadores e educadoras se os fragmentos foram incorporados ou se foram criados desenhos distintos baseados em cada um deles;
- Para suportes contendo múltiplos fragmentos, a atenção pode ser voltada para como um fragmento foi conectado a outro ou se originaram desenhos distintos. Questões sobre se os desenhos “imitaram” ou mimetizaram os fragmentos, incorporando elementos como traço, cor, textura e forma, também podem ser abordadas;
- O foco pode ser direcionado para os métodos de integração nos casos em que os fragmentos foram incorporados. Além disso, situações em que o fragmento serviu como referência para o desenho podem ser destacadas. Finalmente, pode-se fazer observações sobre como desenhos abstratos se transformaram a partir de fragmentos figurativos e vice-versa.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

- Após a experiência com desenho utilizando os fragmentos preparados, é possível que os e as estudantes escolham seus próprios fragmentos e determinem onde serão posicionados no suporte escolhido;
- **Quanto à pintura:** além de materiais secos, a pintura pode ser introduzida como uma opção – linhas, traços, formas, texturas, pontos e tramas podem ser criadas com anilina. A inclusão de pincéis ou palitos de churrasco, de dente e de picolé à atividade é uma possibilidade. O uso de anilina comestível diluída em álcool pode ser uma boa alternativa para introdução da cor, já que, devido à secagem rápida da anilina, a sobreposição das duas linguagens, pintura e desenho, é possível no mesmo suporte e no mesmo dia;
- **Para fragmentos em preto e branco:** a seleção de fragmentos pode ser feita através de fontes de pesquisa e, posteriormente, serem xerocados para assumirem tons de preto e branco. Nesta atividade, materiais de cor preta, como canetas hidrográficas finas e grossas, lápis de cor e carvão, podem ser utilizados. O foco está no contraste entre claro e escuro;
- **Em relação aos desenhos infantis:** fragmentos de desenhos e textos das crianças podem ser utilizados como fonte de pesquisa. Isso inclui desde os rabiscos mais abstratos dos pequenos até os desenhos mais figurativos das crianças mais velhas. No entanto, o objetivo não é completar a figura, mas transformá-la.



ATIVIDADE 6

DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE DIFERENTES PONTOS DE VISTA

APRESENTAÇÃO

A proposta desta Atividade Habitual é que busquem observar as coisas a partir de diferentes pontos de vista, em particular “a vista aérea”. Nesse processo, estudantes serão solicitados e solicitadas a imaginar a escola e seu entorno vistos de cima e a representar essa visão, conhecida também como “olho de pássaro”, em forma de desenho.

O QUE É IMPORTANTE SABER

Ao observar algo, um objeto ou uma paisagem, fatores como a posição da pessoa frente ao que está sendo observado e a localização de seu corpo no espaço, a direção para a qual seu olhar se dirige, os ângulos proporcionados pelos objetos, são determinantes para compor um ponto de vista.

Alguns objetos nos oferecem diferentes ângulos de visão, como um ralador, um tênis ou um bule. Outros, como uma bola, mesmo se submetidos a variações na posição em que são colocados ou vistos, apresentam ângulos bem parecidos, sempre arredondados. Objetos como um copo ou um pião têm ângulos iguais ou diferentes, se vistos de lado, de cima ou de baixo.

Noções de enquadramento também podem ser trabalhadas nesta atividade – enquadrar é selecionar parte de uma imagem, destacando uma parte de um todo. Embora a palavra faça menção a um quadrado, como o visor de uma câmera, uma imagem também pode ser vista a partir de um círculo, um retângulo etc. Imagine que, ao desenhar uma paisagem, uma pessoa tenha escolhido representar somente o telhado de uma casa e as montanhas atrás dela. Ela terá feito uma escolha, um enquadramento, apresentando uma parte específica, um olhar, entre muitos possíveis, para aquela paisagem.

O uso de visores, que pode ser feito a partir de um recorte em papel, é um recurso para experimentar enquadramentos diversos. Usando um visor, o que aparece de uma paisagem, de uma figura, de um detalhe do céu ou de uma cena dependerá do formato e da posição do visor diante dos nossos olhos.

Ao pedir que estudantes façam o registro da vista aérea da escola e do seu entorno, o que se quer é que adotem o ponto de vista conhecido como “olho de pássaro”, ou seja, procurem reproduzir como as coisas aparecem a uma ave ao sobrevoar uma área.

Faça o desenho esquemático, indicado, na lousa, junto com o grupo, e utilizando formas geométricas para mapear a escola e seu entorno. Por exemplo, o pátio pode ser representado como um retângulo, as árvores como círculos e o prédio central como vários quadrados, um imediatamente após o outro ou com pequenos intervalos, de acordo com a disposição real dos elementos da escola.

É provável que estudantes fiquem agitados e agitadas com a possibilidade de transitar pela sala para observar os objetos. Fique atento ou atenta para que esse também seja um momento de aprendizagem, estabelecendo combinações para garantir que todos e todas possam tirar proveito da atividade.



COMO SE PREPARAR

- A atividade pode ser estruturada em três momentos distintos, que os educadores e educadoras podem considerar se serão realizados em um único dia ou ao longo de mais dias;
- Objetos para observação podem ser selecionados. Antes de iniciar a atividade com eles e elas, é sugerido que diferentes pontos de vista sejam explorados pelos educadores e educadoras. Observações podem ser feitas ao aproximar ou afastar o objeto, bem como ao visualizá-lo de cima, de lado ou através de um visor;
- Se houver acesso a um computador, uma pesquisa no site de mapas do Google é possível. Essa pesquisa permite visualizações de áreas de diferentes perspectivas, e a imagem desses locais pode ser aproximada ou distanciada para notar mudanças nos elementos da paisagem;
- Pode-se prepará-los e prepará-las para “mapear verbalmente” a região da escola – palavras referentes à localização, como “do lado esquerdo” do campo de futebol há um jardim, ou

“perto” desse jardim, uma árvore pode ser encontrada, podem ser utilizadas;

- Desenhar os elementos a serem mapeados pode ser útil para conduzir a atividade;
- A sala pode ser organizada de modo a facilitar a atividade, como agrupar quatro carteiras ou posicionar a mesa do professor ou professora ao centro. Cobrir a mesa com material de cor neutra é uma opção que pode destacar os objetos observados;
- Visores podem ser preparados, cortando um quadrado de três cm de lado no centro de uma cartolina maior, com dimensões aproximadas de 15 cm de lado.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Caneta preta (ponta não muito fina), canetinhas hidrocor coloridas;
- Papéis brancos, cartolina branca;
- Objetos para serem observados;
- Papel ou tecido de cores neutras para cobrir as mesas com os objetos a serem observados;
- Barbante e pregadores para expor os trabalhos num varal.

ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- Uma roda para explicação da proposta pode ser organizada pelo professor ou professora;
- Quanto à disposição dos objetos na mesa, estudantes podem ser incentivados e incentivadas a circular pelo espaço para observá-los de diferentes ângulos. Isso pode incluir aproximar-se, afastar-se ou até mudar de altura, seja abaixando-se ou subindo nas cadeiras ao redor da mesa;
- Ao realizar este exercício, diferenças e semelhanças entre os lados e ângulos dos objetos podem ser percebidas.



Vista aérea

- Para iniciar, a experiência de visualizar os objetos a partir de uma perspectiva aérea pode ser destacada pelos educadores e educadoras. Enquanto estudantes observam os objetos dessa forma, incentivos para compartilhar observações e possíveis descobertas podem ser oferecidos;
- Visores podem ser distribuídos para que diferentes enquadramentos sejam experimentados. Também pode-se estimulá-los e estimulá-las a compartilhar como os objetos são percebidos em cada enquadramento;
- Uma reorganização da roda e o início de uma conversa sobre o significado da expressão “ponto de vista” podem ser considerados. Pode-se, ainda, proporcionar um espaço para manifestação de ideias e hipóteses;
- Pode-se fazer questionamentos para avaliar o entendimento deles e delas sobre como um objeto pode ser visto de diferentes ângulos, conhecidos como pontos de vista;
- A conversa pode prosseguir com destaque para a experiência de observação dos objetos a partir de uma vista aérea, explicando que esse ângulo é também conhecido como “vista aérea” ou “olho de pássaro”;
- Detalhes observados através do uso dos visores e a conceituação de “fazer um enquadramento” podem ser discutidos posteriormente.

Mapeamento da escola e seu entorno

- Após o primeiro momento da atividade, estudantes podem ser convidados e convidadas a se aproximarem da lousa para mapear a escola e seu entorno em uma perspectiva aérea. A ideia de um mapeamento coletivo, baseado na memória compartilhada do espaço escolar e seus arredores, pode ser introduzida;
- Um desenho esquemático, que possa servir de ponto de partida para o mapeamento, pode ser criado pelos educadores e educadoras, tal como a representação do prédio da escola em formato quadrado ou retangular, conforme sua forma real. Um segundo elemento, como o portão, pode também ser desenhado para auxiliar na orientação espacial dos e das estudantes;
- Palavras que facilitem a compreensão de conceitos como localização, proximidade e escala — tais como “perto”, “longe”, “do lado”, “à esquerda”, “à direita”, “em cima” — podem ser utilizadas durante o exercício.

A escola vista de cima

- Após essa etapa inicial, a formação de grupos de dois ou três integrantes pode ser sugerida para o desenho da escola em uma perspectiva aérea. Papéis e canetas podem ser disponibilizados;
- Antes de iniciar os desenhos, pode ser útil que conversem entre si sobre os espaços da escola, a circulação e suas relações de localização. Perguntas que facilitem essa discussão podem ser

propostas pelo professor ou professora, por exemplo:

- Onde fica a entrada da escola?
 - Por onde passamos para chegar da entrada à nossa sala?
 - Como chegamos da nossa sala até o pátio?
 - Quantas salas tem a escola?
 - Qual sala fica mais perto da quadra?
- Sugere-se que os e as estudantes possam circular pelo espaço da escola para observar sua organização. Ao concluir o desenho da área escolar, a inclusão de elementos do entorno, como ruas, lugares próximos, canteiros e calçadas, pode ser considerada. É possível incentivá-los e incentivá-las a utilizar grafismos para representar texturas ou outros aspectos dos lugares. Perguntas podem ser feitas para orientar o olhar dos e das estudantes:
 - O que podemos observar quando vemos a escola de cima?
 - Como são as telhas? De que cor são? Será que todos os telhados são da mesma cor?
 - Como vemos as árvores de cima?
 - Onde ficam a caixa d'água e as antenas?
 - Como são as coisas vistas de perto? E vistas de longe?
 - Imaginem que somos um pássaro que está sobrevoando a escola, vendo-a muito distante. O que ele vê?

Apreciação

- A organização dos trabalhos em um local visível da sala, tal como um varal em uma das paredes, pode ser considerada;
- É possível conduzir uma apreciação que direcione o olhar para as diferentes formas de representação, valorizando os recursos gráficos adotados pelos variados grupos. A identificação de elementos nos trabalhos dos e das colegas pode ser sugerida. Além disso, pode-se observar como texturas, grafismos e cores foram utilizados, percebendo as particularidades emergentes.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

- Esta atividade pode ser realizada usando-se outros materiais, como tinta guache, carvão, giz de cera e anilina dissolvida em água;
- Pode-se fazer uso de revistas, jornais velhos ou retalhos de tecidos para registrar a vista aérea da escola;
- É possível estipular outras áreas para que sejam observadas de cima, como o lugar onde vivem ou o zoológico da cidade.



ATIVIDADE 7 DESENHO DE OBSERVAÇÃO DE OBJETO DESMONTADO

APRESENTAÇÃO

Esta atividade contempla o desenho de observação de objetos do nosso cotidiano e os estimula a observar aspectos importantes da linguagem visual, como escala e proporção. Eles e elas serão solicitados a desmontar um objeto e examinar suas partes para, em seguida, registrá-las: nesse processo, serão orientados a observar suas características visuais, para representá-las no desenho por meio de elementos como linhas, texturas, formas, tamanhos e cores. Ao final, de posse de desenhos de partes do objeto observado, serão convidados e convidadas a remontá-lo – é principalmente nesse momento que aspectos relacionados à escala e à proporção serão colocados em pauta. A atividade pode encantar as crianças, uma vez que mobiliza processos de investigação e construção.

O QUE É IMPORTANTE SABER

A seleção do objeto a ser desmontado é bastante relevante na realização desta atividade, pois as possibilidades de como desmontá-lo, a manipulação de suas partes e o desafio de voltar a montá-lo podem determinar a qualidade do envolvimento das crianças e a aprendizagem pretendida.

Um carrinho faltando uma peça, uma máquina velha, um telefone danificado, uma bicicleta sem uso e outros objetos que, aparentemente, parecem não ter significado aos nossos olhos ou aos olhos das crianças podem adquirir outro valor se observados a partir do enfoque dessa proposta. A maneira como você irá orientar o olhar dos e das estudantes para esses objetos, evidenciando sutilezas e particularidades de cada um deles e delas, pode ajudar a agregar-lhes valor.

Esta atividade mobiliza a percepção e a aprendizagem de conceitos como escala e proporção. Escala é a relação entre a dimensão real dos objetos e suas representações no plano. Proporção é a relação de medida entre as coisas, é a comparação entre as medidas dos objetos e dos espaços. Ao propor o desenho de observação com foco em aspectos como escala e proporção, é preciso acolher as distintas representações dadas pelos e pelas estudantes para o mesmo objeto. É provável que apareçam desenhos com dimensões e formas bem variadas – nesses casos, para não desestimulá-los ou inibi-los frente aos novos desafios, é recomendado não os corrigir. Desenhar,

como se sabe, é um processo em permanente construção – só se aprende a desenhar desenhando. Assim, se sentirão mais encorajados e encorajadas e confiantes para prosseguir praticando.

A maneira particular de cada estudante desenhar sinaliza o momento em que sua experiência com o desenho se encontra. Sendo assim, fazer um desenho de observação é trazer à tona uma maneira particular de ver e registrar aspectos de um objeto, algo que é preciso respeitar e valorizar.

Aproveite o encaminhamento da atividade para envolver a turma na arrumação do espaço, na desmontagem dos objetos, na organização dos materiais etc. Quando estudantes participam desses preparativos, se apropriam de metas importantes da disciplina de Arte, que dizem respeito a cooperar, compartilhar, tomar decisões, valorizar, entre outras.

O momento da apreciação indicado nessa Atividade Habitual permite que os e as estudantes desenvolvam sua capacidade de analisar sua produção a partir dos desafios colocados para o grupo.

COMO SE PREPARAR

- Professores e professoras podem selecionar objetos para a atividade, considerando itens que sejam visualmente atraentes, facilmente desmontáveis e com características interessantes para observação e desenho. O envolvimento de estudantes, dos demais professores e professoras da escola, das famílias e até de vizinhos na coleta desses objetos é possível.
- Para o desenho de observação, papéis pretos mais grossos, como cartolina, podem ser cortados em quadrados pequenos, de aproximadamente 12 cm de lado. Se objetos com partes compridas forem escolhidos, papéis podem ser cortados longitudinalmente, com uma lateral de 10 cm e outra de 20 cm – estes podem ser utilizados tanto na vertical quanto na horizontal. Caso apenas cartolina branca esteja disponível, a possibilidade de pintá-la de preto pode ser considerada.
- Uma experimentação da proposta, antes de apresentá-la aos e às estudantes, pode ser realizada pelos educadores e educadoras, contribuindo para a antecipação de eventuais problemas e permitindo adaptações benéficas ao andamento da atividade.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Lápis de desenho ou lápis preto, canetas pretas;
- Cartolina, papel sulfite inteiro e cortado em quadrados pequenos, papel preto;
- Cola bastão ou cola branca;
- Tesouras;
- Objeto para ser desmontado;
- Fita crepe.

ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- A disposição das carteiras em formato de roda pode ser considerada, apresentando o objeto escolhido aos e às estudantes e sugerindo que especulem sobre seu uso e origem. Caso professores e professoras vejam relevância, pode-se compartilhar a razão para a escolha do objeto;
- Pode-se encorajá-los e encorajá-las a observar e descrever o objeto em termos de material, cores, formas, texturas, tamanho e linhas, esclarecendo que a atividade terá um enfoque distinto do habitual, voltando-se para o desenho de partes de objetos desmontados, em vez de objetos inteiros.

Decompondo em partes

- O desmonte do objeto com a participação de alguns e algumas estudantes pode ser coordenado pelos educadores e educadoras, tornando visíveis as partes que geralmente são menos observadas quando o objeto está inteiro. A observação dessas pequenas partes é sugerida, levando em conta qualidades como cores, formatos, texturas e dimensões, sempre relacionando-as ao objeto original;
- Vale estimular a percepção de como cada componente pode dar significado ou depender do outro. A reorganização da sala, formando grupos de quatro carteiras forradas com papel branco, é possível com a assistência dos e das estudantes. Uma das partes do objeto desmontado pode ser colocada em cada grupo;
- Materiais para o desenho podem ser dispostos em outra mesa, permitindo que escolham entre papéis, canetas pretas, lápis e outros utensílios.

Observar e desenhar

- Os educadores e educadoras podem informar aos e às estudantes que os desenhos das partes do objeto serão realizados em pequenos papéis – a observação e registro dos detalhes das peças, como suas linhas, texturas, formas e dimensões, são atividades que podem ser sugeridas. A atenção para a escala e proporção entre as dimensões do desenho e as partes reais do objeto também pode ser destacadas;
- Após a conclusão da atividade, uma rápida apreciação dos trabalhos é possível, observando os detalhes de cada desenho e discutindo as características individuais no estilo de desenho de cada estudante – pode-se avaliar a disposição deles e delas para continuar com a atividade.

Remontagem do objeto a partir dos desenhos de suas partes

- A recomendação para estudantes recortarem os desenhos das partes do objeto pode ser apresentada pelo professor ou professora. As partes semelhantes podem, então, ser agrupadas para serem distribuídas entre os grupos. No caso de um objeto como uma boneca, isso permitirá formar coleções diversas de braços, pernas e cabeças, cada uma refletindo a visão

individual dos e das estudantes;


- O professor ou professora pode reorganizar os grupos de forma que cada um e cada uma recebam uma coleção dessas partes – sugere-se que remontem o objeto usando esses desenhos recortados. A avaliação da escala e da proporção entre as partes pode ser considerada durante esta fase da atividade;
- Inicialmente, essa montagem pode ser experimentada sobre as mesas, como se fosse um jogo. Posteriormente, as partes podem ser fixadas em papel preto. Após a finalização da colagem, a exibição dos trabalhos em um espaço visível da sala, seja em um mural ou varal, é uma possibilidade.

Apreciação

- Os educadores e educadoras podem sugerir que observem os trabalhos concluídos e compartilhem suas experiências durante o processo. Elementos como a perspectiva de onde desenharam, o traço, a pressão do lápis e as dimensões podem ser destacados para entender a singularidade de cada abordagem.
- Também é possível, aos professores e professoras, identificar e discutir especificidades no modo como cada estudante abordou os detalhes das peças. Dessa forma, aspectos que caracterizam o estilo individual de cada estudante podem ser reconhecidos e discutidos:
- Como, a partir da observação de partes do objeto desmontado, lidaram com a escala, a proporção e aspectos gráficos específicos.
- Se a observação de detalhes foi capaz de ampliar as possibilidades de representação, aproximando os desenhos do objeto real.
- As semelhanças e diferenças entre os desenhos de uma mesma parte e das montagens do objeto com o próprio objeto observado.
- Como, no momento da remontagem do objeto inteiro, estudantes resolveram os problemas e os desafios lançados pela desproporção das partes desenhadas.
- As relações entre a bidimensionalidade dos desenhos realizados e a tridimensionalidade do objeto.
- As possibilidades de representação de um objeto com três dimensões.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

- Em uma futura atividade, professores e professoras podem optar por introduzir novos objetos que também sejam desmontáveis. Isso possibilita diversificar a experiência e manter o interesse dos e das estudantes;
- Para o banco de imagens, os educadores e educadoras podem encorajá-los e encorajá-las a desenhar partes diversas do corpo humano. Uma abordagem possível é ter professores ou estudantes com modelos. Tais variações são capazes de tornar a atividade mais envolvente. Depois que todas as imagens estiverem prontas, pode ser sugerido que recortem e combinem as diversas partes desenhadas para criar figuras humanas imaginárias.



ATIVIDADE 8

DESENHO DE OBSERVAÇÃO DO QUE VEJO A MINHA VOLTA

APRESENTAÇÃO

A partir da coleta e da classificação de materiais de uma determinada área, a atividade aqui proposta lida com o exercício da observação, fundamental para a ampliação do repertório dos e das estudantes e para a exploração dos elementos da linguagem visual. Para que cada um aprimore seu olhar, o grupo será solicitado a fazer coletas, observar e identificar cores, padrões, texturas, formas e consistência nos materiais presentes numa área demarcada de um metro quadrado, dentro ou no entorno da escola.



O QUE É IMPORTANTE SABER

Esta é uma atividade de pesquisa dos elementos da linguagem visual. O que está em jogo, portanto, são procedimentos para uma observação minuciosa, que depois poderão ser mobilizados pelos e pelas estudantes ao desenhar. A intenção é que possam, a partir da análise de materiais encontrados em uma determinada área, identificar e descrever elementos como forma, linhas, cor e textura, e classificá-los segundo critérios que os distinguem.

Estudantes devem ser incentivados e incentivadas a experimentar modos de olhar e organizar os elementos coletados, classificando-os por suas qualidades físicas, materiais e plásticas.

COMO SE PREPARAR

- Os educadores e educadoras podem escolher uma área com uma variedade de materiais a serem coletados e catalogados pelos e pelas estudantes – é possível considerar espaços como o pátio ou o entorno da escola. Cabe verificar a presença de elementos como grama, terra, pedras, galhos e folhas;
- Para facilitar a coleta, utensílios como colheres, pazinhas e palitos de picolé podem ser providenciados. Sacos de plástico ou de papel também são úteis para armazenar os itens coletados pelos e pelas estudantes;
- Além disso, os educadores e educadoras têm a opção de compartilhar suas próprias observações, feitas talvez no trajeto entre casa e escola, para enriquecer ainda mais a apresentação da atividade.

MATERIAIS

- Corda e estacas ou algum outro material que possa ser usado para demarcar a área de cada grupo;
- Colheres, pazinhas e palitos de picolé;
- Saquinhos plásticos ou de papel para armazenamento dos materiais coletados;
- Jornal, papel ou plástico para que cada grupo forre sua mesa de trabalho.

ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- Os educadores e educadoras podem organizar uma roda de conversa com foco no tema da observação, em que expliquem as nuances de se manter a atenção em um objeto ou local específico para perceber seus detalhes e características. Uma opção é apresentar algo na roda para ser observado, como um elemento da natureza ou um objeto do dia a dia.
- Encorajá-los e encorajá-las a observar atentamente pode ser benéfico. É possível fomentar a descrição desses objetos usando elementos da linguagem visual, como pontos, linhas e cores. Por exemplo, ao observar uma folha, diferentes tons e texturas podem ser notados.
- Na atividade que será desenvolvida, os educadores e educadoras podem sugerir que estudantes mantenham uma postura observadora. A atividade pode envolver a divisão em grupos, e cada grupo pode escolher uma área de 1 m² na escola para pesquisa.
- Para cultivar um espírito de investigação, pode-se questionar o que os e as estudantes geralmente veem no chão durante seus trajetos diários. Também é relevante explorar se eles e

elas lembram das características visuais dos elementos em seu entorno.

- Questões esclarecedoras também podem ser feitas para obter informações mais específicas, especialmente sobre qualidades gráficas e físicas dos objetos observados:
- Ao passar por um piso ou asfalto rachado, como são as linhas dessa rachadura? Retas? Curvas? Com muitas ramificações? Parece seco ou úmido?
- Quais são as árvores, plantas e flores que vocês observam no caminho? Como são suas cores?
- Converse, também, sobre o que se encontra em cima e embaixo da terra e se é possível encontrar elementos sob a terra, sob folhas etc.

Pesquisa e observação em um metro quadrado

- O professor ou professora pode dividir a turma em grupos de quatro ou cinco estudantes, informando-os que já foi selecionada uma área rica em elementos para pesquisa e, em seguida, levando-os até o local escolhido. Cada grupo pode receber quatro estacas e barbantes com pouco mais de 1 metro de comprimento;
- É possível orientar os grupos a demarcar uma área formando um quadrado com as estacas e barbantes – esse espaço demarcado servirá como o campo de observação e pesquisa. Os educadores e educadoras podem acompanhar os grupos para auxiliá-los na demarcação correta da área;
- Uma vez que as áreas estejam demarcadas, os grupos podem ser incentivados a observar e identificar os elementos presentes – perguntas como “O que vocês veem em seu quadrado?” ou “Quais tipos de materiais estão presentes?” podem ser feitas. É também possível explorar a curiosidade sobre o que pode estar escondido sob a superfície do solo;
- Para a coleta de materiais, os grupos podem utilizar colheres, palitos e pazinhas. Guardar os itens coletados em saquinhos pode ser uma opção eficaz. Caso seja viável, fotografar o local antes e depois da coleta pode enriquecer a atividade.

Observação e classificação da coleta

- Após a coleta, pode-se guiá-los e guiá-las de volta à sala de aula, trazendo os saquinhos de materiais coletados. Na sala, mesas de trabalho podem ser organizadas para cada grupo, combinando duas ou quatro carteiras. É possível forrar essas mesas com jornal, papel ou plástico para facilitar o trabalho subsequente;
- Em seguida, os grupos podem ser incentivados a dispor os materiais coletados nas mesas e começar a classificá-los. Os educadores e educadoras podem circular entre os grupos, lembrando-os de critérios de classificação como cor, forma, opacidade, transparência, tamanho, tipo de material, consistência, textura, peso e dimensões;
- Uma vez que a classificação esteja completa, os grupos podem discutir entre si e decidir os critérios que utilizarão para reorganizar o material. Também é possível sugerir que tentem renomear os objetos com base em suas características distintas.

Apreciação

- Após a etapa de classificação, pode-se sugerir que os grupos circulem entre as mesas de trabalho para compartilharem entre si suas descobertas e métodos de classificação. É possível destacar as diversas abordagens adotadas para organizar os elementos coletados, seja por forma, textura ou cor. Os educadores e educadoras também podem realizar um levantamento dos diferentes critérios usados para classificação em cada grupo;
- Quanto à diversidade de elementos coletados, pode-se apontar a riqueza dos elementos que vêm da natureza, bem como quaisquer itens industriais encontrados. Os grupos podem ser incentivados a nomear esses elementos, acrescentando profundidade à atividade.

Encaminhamento dos elementos coletados

- Ao concluir a atividade, os educadores e educadoras podem sugerir ideias sobre como destinar adequadamente os diferentes tipos de elementos coletados – elementos naturais e orgânicos podem ser devolvidos aos locais de onde foram retirados. Para aqueles que podem ser reutilizados em outra ocasião, é possível preparar recipientes, como caixas ou sacos;
- Os materiais recicláveis podem ser direcionados aos coletores da escola ou do bairro; já os itens que não podem ser reutilizados ou reciclados devem ser encaminhados para descarte apropriado.

VARIAÇÃO DA ATIVIDADE

- Após a coleta, é interessante que os materiais de todos os grupos sejam combinados para transformação em uma obra de arte coletiva. Essa criação pode retornar à área da qual os materiais foram coletados, tomando a forma de uma escultura ao ar livre ou um desenho de grandes dimensões feito no chão. A comunidade escolar e o público em geral podem ser convidados para apreciar essa obra coletiva;
- Quanto à extensão da atividade, os educadores e educadoras podem considerar a ideia de encorajá-los e encorajá-las a realizar desenhos de observação dos objetos coletados. Esses desenhos podem ser catalogados e, posteriormente, expostos para a comunidade escolar.



ATIVIDADE 9

LETRA TRATADA COMO IMAGEM

APRESENTAÇÃO

As letras compõem nosso universo, estão presentes o tempo todo em nosso cotidiano. Nesta atividade, elas serão o ponto de partida para a produção dos e das estudantes, que serão convidados e convidadas a agregá-las e criar a partir delas, por meio de processos de recortar e colar.

O que uma letra pode virar em suas mãos? Um personagem? Um super-herói? Uma nave espacial? Neste encaminhamento da atividade será sugerido que criem animais – conhecidos ou imaginários. Todos serão bem-vindos!

O QUE É IMPORTANTE SABER

Nesta atividade, o objetivo é destacar elementos da linguagem visual presentes em letras impressas de diferentes fontes: espessura, cor, tamanho, forma, posição etc. Tratando-as como desenhos, é possível colocá-las de cabeça para baixo, de lado, agrupadas ou não, separadas, embaralhadas, sobrepostas ou justapostas. Podem virar bichos pequenos, grandes, peludos, compridos, de pernas altas, esverdeados, avermelhados etc.

A atividade será mais envolvente se os e as estudantes puderem exercer, livremente, sua vontade – de modo a transformar as letras no animal que desejarem, e não em animais sugeridos por você e copiados por eles e elas. Cuide para que isso não aconteça!

A apreciação, indicada nessa proposta por mais de uma vez, permite que os e as estudantes examinemos trabalhos de toda classe, observem e aprendam procedimentos e soluções variadas, ampliem suas referências e identifiquem particularidades em seu próprio processo.

COMO SE PREPARAR

Os educadores e educadoras podem iniciar coletando diversos tipos de materiais escritos, como revistas, livros antigos, jornais, rótulos de produtos, embalagens, cartazes e outros – letras, palavras e trechos de diferentes tamanhos, formatos, tipos e cores podem ser recortados desses materiais. Caso seja necessário, é possível criar material adicional com a ajuda dos e das estudantes, utilizando um computador para variar as fontes, tamanhos e cores.

Para o suporte da atividade, os educadores e educadoras podem preparar superfícies de diferentes tamanhos, variando de pequenos quadrados de 5 cm de lado a quadrados maiores de 25 cm de lado.

Referências visuais de diversos animais podem ser buscadas em fontes como a internet, enciclopédias e livros – essas imagens servirão para inspirá-los e inspirá-las na criação de seus próprios animais.

MATERIAIS

- Cartolina branca cortada em tamanhos variados;
- Palavras e letras impressas em páginas de revistas, embalagens, panfletos etc.;
- Imagens de bichos;
- Tesouras;
- Cola;
- Saquinhos de plásticos ou bandejinhas de isopor para guardar as imagens coletadas;
- Barbante e pregadores.

ATIVIDADE**Apresentação da proposta**

- Os educadores e educadoras podem apresentar a ideia de criar imagens de animais utilizando letras e textos recortados. A disposição desses elementos pode variar; eles podem ser sobrepostos, intercalados, ou até colocados dentro de outros.

Organização do espaço

- Professores e professoras podem começar formando uma coleção de letras e textos que serão usados na atividade;
- É possível organizá-los e organizá-las em grupos e pedir sua colaboração no recorte do material. Incentive-os e incentive-as a observar diferentes aspectos das letras, como tamanho, cor e formato;
- Os recortes podem, então, ser organizados em saquinhos ou bandejas para uso futuro.

**Recorrendo às imagens**

- Antes de iniciar a colagem, pode-se facilitar uma breve discussão sobre imagens de animais selecionadas, focando em aspectos como textura, cor e proporção;
- Estudantes podem ser incentivados e incentivadas a discutir as características desses animais. Depois, materiais para a atividade podem ser distribuídos pelos grupos. A decisão de manter ou remover as imagens de referência do espaço de trabalho fica a critério dos educadores e educadoras;
- Uma fase de experimentação é aconselhada, permitindo aos e às estudantes tempo para decidir como desejam posicionar as letras e textos recortados;
- Os educadores e educadoras podem sugerir a criação de áreas mais claras ou mais escuras pela sobreposição de elementos, observando como isso contribui para a qualidade gráfica das imagens criadas.

Apreciação

- Ao reunir o grupo para a apreciação dos trabalhos, o professor ou professora pode identificar e comentar:
- Se os animais produzidos são reais ou imaginários (sugira que deem nomes a eles). No caso dos animais imaginários, estimule-os a falar sobre como os criaram, de onde vieram as ideias, que tipos de referências pesquisaram.
- Se encontraram dificuldades nesta proposta e em que momento isso ocorreu.
- Se obtiveram áreas mais escuras e mais claras, criando regiões distintas nas imagens e resultando no aparecimento de volume, dadas pelo maior ou menor acúmulo de letras.
- Se espalharam letras e textos pelo corpo do animal construído.
- Como usaram as letras na construção da figura do animal: por encaixe, por sobreposição, por justaposição, posições, espessuras e cores, tamanhos e tipos.
- Pode-se observar e comentar sobre o uso que fizeram das letras e partes de textos. É pos-

sível notar se empregaram os elementos como estampa, através da repetição de um padrão de letra ou múltiplos padrões. Também pode ser discutido se as letras foram usadas para contorno, textura ou preenchimento de áreas em retículas, sejam elas repetidas ou não. A análise pode abranger os padrões de letra utilizados, além das diferentes posições em que esses elementos foram colocados.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Produzir imagens pela colagem de letras

Pode-se sugerir aos e às estudantes que usem fragmentos de textos recortados de diversas fontes para representar paisagens. Uma opção é observar uma paisagem, seja ela um cartão postal, uma imagem de revista ou até mesmo a vista do pátio da escola, e representá-la por meio de recorte e colagem, de maneira semelhante ao que foi feito com os animais.

Produção de retratos com colagem de letras

Neste momento, a sugestão é que foquem em criar retratos, especificamente do rosto. É possível inventar detalhes como cabelos, olhos, boca e orelhas utilizando diferentes tamanhos, tipos e posições das letras – pode-se encaixar letras desenhadas com canetas pretas ou fragmentos de textos de diversas fontes, sobrepostos ou justapostos, semelhante às atividades anteriores.

Letras como interferência no desenho

Letras podem servir como elementos de interferência em desenhos. Os educadores e educadoras podem apresentar esta ideia como um estímulo para a criação de imagens próprias pelos e pelas estudantes. Para maior entendimento desta abordagem, é possível consultar a atividade “Desenho com interferência” desta coleção, que oferece orientações específicas para o encaminhamento desta proposta.

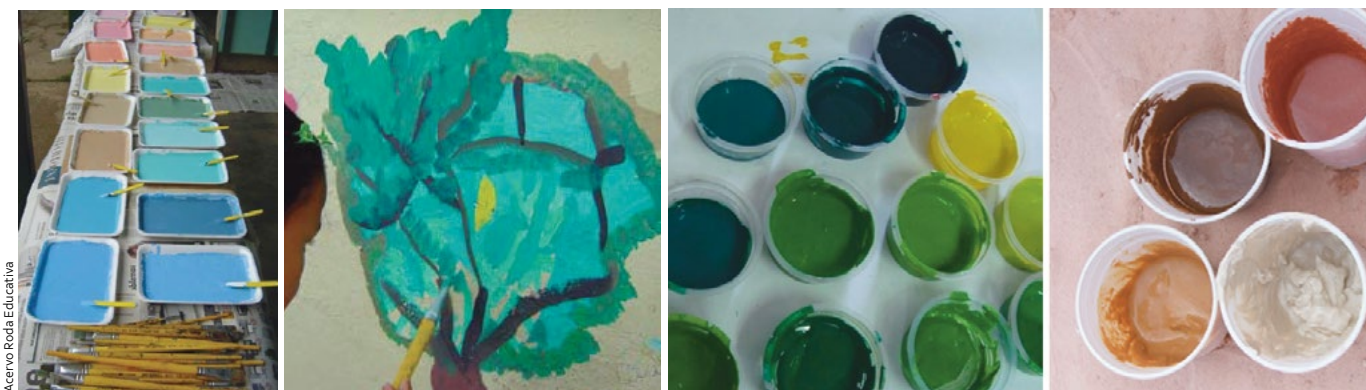


ATIVIDADE 10 PESQUISA DE CORES

APRESENTAÇÃO

Esta é uma atividade planejada para que estudantes observem, comparem, pesquisem, classifiquem e organizem uma amostra com variações de cores primárias e secundárias.

No primeiro momento, vão pesquisar, em ilustrações de livros e revistas, a variedade de cores existentes, suas tonalidades e intensidades. Em seguida, vão explorar as tintas, buscando combinações de cores primárias para criar novas cores. O objetivo é perceberem que, a partir da mistura das três cores primárias, têm-se como resultado as cores secundárias e um número enorme de variações de matizes.



O QUE É IMPORTANTE SABER

Esta Atividade Habitual está focada na investigação e experimentação sobre as cores. Portanto, a organização dos materiais e da sala é fundamental para viabilizar um ambiente que estimule a pesquisa e promova a maior autonomia possível para os e as estudantes – a abordagem dos conteúdos e as aprendizagens esperadas estão diretamente ligadas à disposição e à organização dos materiais. Por isso, o espaço de trabalho deve garantir que os e as jovens consigam misturar tintas em diversos potinhos, retirar pequenas quantidades de tintas nas cores primárias sem sujá-las, lavar pincéis, experimentar resultados pincelando em pequenos papéis, compartilhar materiais para elaborar misturas de cores e obter variações de matizes e de tons – observando,

no processo, como as cores se modificam nas combinações que forem sendo realizadas. Como resultado da atividade, é esperado que o grupo tenha uma amostra diversificada de cores.

COMO SE PREPARAR

Familiarização com a mistura de cores

Professores e professoras podem realizar experimentos com a mistura de cores antes de planejar a aula. Isso permite o conhecimento prévio dos materiais e procedimentos, ajudando na preparação para possíveis intervenções durante as atividades dos e das estudantes.

Evitar euforia com as cores

É possível que a tinta gere entusiasmo, o que pode levar a uma mistura incessante de cores. Para direcionar a atividade, é importante organizar os materiais de forma clara, permitindo que os e as estudantes compreendam a proposta de criar, cada um e cada uma, três cores distintas.

Experiências com cores primárias e secundárias

Começar a mistura com cores primárias pode ser uma abordagem eficaz – isso leva à criação de cores secundárias, cujos resultados podem ser registrados em papel. Variar as proporções entre as cores primárias também pode ser uma atividade interessante, permitindo que estudantes vejam a diversidade de cores resultantes.

Introdução de uma terceira cor primária

Adicionar uma terceira cor primária à mistura pode expandir o espectro de cores criadas. Continuar registrando essas variações pode resultar em até 30 diferentes tonalidades, tornando a experiência ainda mais rica.

Importância da limpeza

Manter um ambiente limpo com água e materiais para limpar pincéis é relevante para o sucesso da atividade.

Variações de tonalidades

Adicionar pequenas quantidades de tinta branca ou preta a uma mistura de cores já existente pode alterar a tonalidade. Isso pode ser registrado para observação posterior.

Observações durante o processo

É crucial observar como as tintas se misturam, seja em relação às cores predominantes ou à densidade da tinta, pois essas informações serão úteis para orientá-los e orientá-las em suas descobertas.

Recursos complementares

Preparar pequenos visores de papel pode ajudá-los a focar nas cores das imagens. Também é útil recolher recipientes com tampas para armazenar as misturas de cores e garantir que palitos de sorvete estejam disponíveis em todas as mesas para a mistura das tintas.

Seleção de dia e horário adequados

Professores e professoras podem escolher um dia e horário em que tenham tempo suficiente para organizar a sala e os materiais calmamente – planejar o arranjo das mesas e preparar as tintas com antecedência pode ser benéfico para o andamento da atividade.

Preparação de materiais e instruções iniciais

Deixar o material de pintura na mesa do professor ou professora, preferencialmente com as tintas já nos recipientes, facilita a distribuição posterior. Livros, revistas e visores podem ser distribuídos pelas mesas, com pelo menos uma obra em cada.

MATERIAIS NECESSÁRIOS

- Livros e revistas para pesquisa de cores;
- Visores para observação;
- Suportes de cartolina cortados em pequenos quadrados;
- Tinta guache nas cores primárias – vermelha, amarela e azul – e nas cores neutras – preta e branca;
- Pincéis;
- Recipientes para água (garrafas pet cortadas ou copos de plástico) e para as tintas (copinhos de café ou formas de gelo);
- Recipientes com tampa para armazenar as tintas.

ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- Professores e professoras podem informar aos e às estudantes que o foco da atividade é a pesquisa de cores e a exploração das combinações de tintas para gerar novas cores. Cabe lembrar que a classe vai investigar e discutir diversas cores, bem como os métodos para criá-las;
- Também pode-se introduzir questões relacionadas ao conhecimento prévio dos e das estu-

dantes sobre misturas de cores:

- Vocês já misturaram tintas de cores diferentes? Qual foi o resultado?
- Vocês conhecem alguma combinação de cores?
- Quais cores já combinaram?
- Como vocês acham que são formadas as cores?
- Os educadores e educadoras podem permitir que estudantes dialoguem sobre suas experiências passadas com misturas de cores e suas teorias acerca da formação das cores;
- Antecipar questões procedimentais da atividade, como a importância do controle das quantidades de tinta durante as misturas, é também uma possibilidade;
- Além disso, pode ser útil alertar para a necessidade de não misturar um excesso de cores;

Pesquisa de cores nos livros e revistas

- Pode-se orientá-los e orientá-las a iniciar suas pesquisas utilizando os visores disponíveis nas mesas para identificar cores diversas nas ilustrações de livros e revistas;
- Também vale sugerir que usem o visor para explorar cores em outras partes da sala;
- Ao concluir essa fase de pesquisa, uma lista com as cores descobertas pode ser criada em conjunto com a turma, seja na lousa ou em um cartaz. Livros e visores podem ser reservados para futuras observações.

Produção de cores

- A próxima etapa envolve um desafio: criar três cores distintas utilizando as tintas fornecidas – a ideia é que explorem como as cores se transformam quando misturadas. Cada mesa receberá tintas nas cores primárias: vermelha, azul e amarela;
- Os educadores e educadoras podem sugerir que estudantes experimentem combinações de cores aos pares. Utilizar as três cores primárias de uma só vez resultará em apenas uma cor, geralmente um tom de marrom;
- Para enriquecer o entendimento, pode-se conversar sobre as diferentes possibilidades de mistura. Variando as proporções das tintas, os e as estudantes conseguirão ainda mais cores;
- Questões como a quantidade de tinta para a mistura, a organização do espaço e a utilização de materiais e instrumentos também podem ser abordadas antecipadamente. É possível demonstrar como efetuar as misturas usando pequenos recipientes e palitos;
- Quando uma demonstração é feita, os e as estudantes tendem a usá-la como modelo; portanto, envolver a classe em um teste de cores pode destacar a importância da experimentação e da diversidade nos resultados.

Demonstração

- Na mesa do professor ou professora, podem ser preparados três copos contendo as cores primárias, além de copinhos vazios, palitos para mistura, papel e pincel. A turma pode ser

convidada a observar um teste inicial sobre a mistura de tintas;

- Após escolher uma combinação de duas cores sugerida, é relevante explicar a quantidade de cada tinta usada na mistura, bem como a técnica de mistura com o palito. Isso ajuda a evitar que os e as estudantes usem excesso de tinta em suas próprias experiências;
- A cor resultante pode ser, então, espalhada em um papel e mostrada a eles e elas.

Variações das quantidades na mistura

- Para aprofundar a experiência, pode-se questionar se acreditam ser possível alterar a cor resultante utilizando as mesmas tintas. Isso pode levar à sugestão de modificar as quantidades de cada tinta na mistura;
- Caso entre os e as estudantes não surja tal ajuste, os educadores podem demonstrar como uma variação nas quantidades altera o resultado final. A cor obtida pode ser, então, aplicada em um papel para visualização da classe;
- É aconselhável lavar o pincel em um recipiente com água antes de realizar um novo teste, enfatizando a importância dessa etapa para a preservação das tintas e misturas.

Criando e explorando as cores

- Os educadores e educadoras podem distribuir o material nas mesas conforme o número de estudantes em cada grupo;
- Cores primárias em um ou mais copos para cada mesa são recomendadas, juntamente com pelo menos três copinhos extras para misturas. Palitos para misturar as tintas também devem ser fornecidos;
- O objetivo da atividade, que é a criação de três cores distintas por estudante, pode ser explicado;
- É aconselhável que estudantes usem quantidades moderadas de tinta para permitir a experimentação.

Mostra de cores

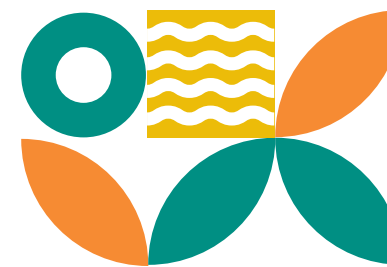
- Após a fase de misturas, pode-se distribuir os materiais para a criação das amostras de cores: um pincel por estudante, suportes de papel, potes com água e material para enxugar os pincéis;
- O próximo passo é aplicar as cores criadas em um papel mais resistente – podem ser dadas orientações sobre a aplicação cuidadosa da tinta para evitar excessos;
- Os educadores e educadoras podem reiterar a importância de lavar e secar os pincéis entre as diferentes cores;
- Ao concluir a pintura, estudantes podem ser orientados e orientadas a lavar as mãos e os pincéis e a observar os trabalhos da classe. Enquanto isso, um espaço pode ser preparado para uma discussão em grupo, com uma folha de papel madeira ou Kraft disposta no centro.

Apreciação

- Pode-se sugerir que selecionem seis amostras de cores distintas dentre todas as folhas que pintaram. Ao fazer essa seleção, eles e elas têm a oportunidade de exercitar um olhar crítico. É possível observar como as mesmas cores, quando combinadas de maneiras diferentes, resultam em uma grande diversidade de tonalidades e características – qualidades como transparência, intensidade e textura também podem ser notadas;
- É possível orientar o grupo a levar essas seis amostras para um papel de suporte maior, organizando as amostras à medida que são trazidas. Uma vez que todos e todas estejam reunidos, pode-se analisar as cores que emergiram a partir das cores primárias iniciais. Os educadores e educadoras podem lembrar quais foram essas cores e como elas serviram como base para a criação de outras tonalidades;
- Os professores e professoras podem sugerir aos e às estudantes que identifiquem as cores que foram misturadas em cada amostra e qual cor prevalece. Isso ajuda a compreender como diferentes matizes são formados. Também é útil pedir que os e as estudantes identifiquem tonalidades claras e escuras e discutam como foram obtidas sem o uso de tinta preta ou branca;
- Depois, os educadores e educadoras podem revisar a lista de cores feita anteriormente com o grupo, comparando-a com as amostras. Também é possível indagar sobre a ausência de cores como preto e branco, e discutir o que aconteceria se essas cores fossem introduzidas nas misturas. Isso pode inspirar futuras experiências em aulas de Arte;
- Ao final da atividade, as amostras podem ser deixadas para secar e serem usadas em futuros projetos – elas oferecem diversas possibilidades de uso, como organizá-las em graduações de cor ou incluí-las em um desenho coletivo.

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Em uma alternativa, professores e professoras podem optar por realizar a atividade apenas com as cores preto e branco, visando explorar uma ampla gama de tons de cinza – o procedimento para a atividade permanece similar, mas a busca por livros com ilustrações nessas tonalidades torna-se relevante. Outra opção envolve o uso de uma única cor primária, além do preto e do branco, para explorar variações de tons.



ATIVIDADE 11 REPRODUÇÃO DE IMAGENS COM CARIMBOS

APRESENTAÇÃO

Nesta atividade, estudantes vão pesquisar e experimentar uma forma de produzir imagens diferentes do desenho, da pintura e da colagem. Eles e elas vão trabalhar com carimbos, de modo a conhecer e investigar esse procedimento, que permite a reprodução de imagens a partir de uma matriz e da impressão de estampas (cópias).



O QUE É IMPORTANTE SABER

A principal característica do carimbo a ser explorada nesta atividade é sua reprodutibilidade. O carimbo pode ser usado para multiplicar figuras, letras, símbolos e marcas, permitindo que as imagens carimbadas circulem por muitas pessoas e em diferentes contextos. Essa característica também pode ser explorada na elaboração de imagens a partir da repetição do ato de carimbar, criando combinações e composições mais complexas do que a imagem original do carimbo.

Os meios artísticos e artesanais de produção e multiplicação de imagens funcionam com um recurso simples: a confecção de uma matriz com a qual se pode imprimir em vários suportes, por repetidas vezes. Ao longo da história, foram criados vários processos de gravura para multiplicar imagens, como a xilogravura, a gravura em metal, a linografia e a serigrafia. Em todos eles, a imagem é gravada numa matriz – nos procedimentos mencionados, as matrizes são respectivamente de madeira, cobre, pedra e nylon, com técnicas de impressão específicas de cada procedimento.

Nesta atividade, o carimbo será a matriz, tendo como base um retalho de madeira ou de papelão bem resistente, sobre o qual as imagens serão produzidas em relevo, por meio da colagem de fios de barbante. Nas Variações da Atividade propostas no final do texto, são sugeridos outros materiais, como restos de EVA, tampas plásticas de embalagem e sucatas.

A impressão é feita pelo contato da superfície do carimbo com a tinta e, depois, pressionando-se essa superfície contra a do papel. Como o carimbo permite repetidas impressões da mesma imagem, possibilita a criação de sobreposições visualmente interessantes: zonas carimbadas com tonalidades diferentes, às vezes mais escuras, outras vezes mais claras e com maior transparência; às vezes cobrindo completamente a superfície do papel, outras vezes criando tramas suaves com as linhas sobrepostas. Desta maneira, criam-se diferentes visualidades a partir da mesma imagem, ampliando a possibilidade do uso de um carimbo na construção de texturas e estampas.

COMO SE PREPARAR

Vale pesquisar trabalhos de artistas feitos com o recurso do carimbo e explorar suas potencialidades com a turma, experimentando o uso de diferentes tipos e formatos de suporte, diferentes combinações da imagem do carimbo-matriz, observando os resultados da impressão de acordo com a força no gesto e a maneira de colocar tinta na matriz.

Produção da matriz

Pode-se considerar a utilização de pedaços de madeira como base para os carimbos, aos quais se podem adicionar fios de barbante para criar as imagens. Sugerem-se carimbos de tamanhos

e formatos variados, preferencialmente com dimensões mínimas de 15 cm x 15 cm. No entanto, é recomendável que não sejam excessivamente grandes para facilitar o manuseio. Retalhos de madeira podem ser obtidos em marcenarias, que frequentemente descartam sobras. Outra opção viável é usar pedaços de papelão grosso e resistente – ambos os materiais são apropriados porque aderem bem à cola branca, reduzindo a probabilidade de os fios se soltarem durante o processo de impressão.

Almofadas

Para a aplicação de tinta nos carimbos, almofadas específicas podem ser uma boa opção. É aconselhável que essas almofadas sejam maiores que os carimbos criados pelos e pelas estudantes. Caso as bases dos carimbos sejam pequenas, almofadas-padrão disponíveis em papelarias podem ser usadas. Para carimbos maiores, um pedaço de espuma cortado em retângulos de aproximadamente 25 cm x 15 cm e 1,5 cm de altura pode ser saturado com tinta e colocado sobre uma bandeja de isopor.

Experimentação

Os educadores e educadoras podem experimentar os procedimentos antes de introduzi-los em sala de aula – isso permite antecipar questões e planejar a gestão do espaço e do tempo. É útil observar variáveis como a quantidade de tinta nas almofadas e a pressão aplicada durante a impressão, fatores que podem afetar o resultado final, gerando texturas, manchas ou borrões.

Pós-produção

Após a atividade, professores e professoras podem preparar uma caixa para coletar e exibir as impressões de carimbos feitas pelos e pelas estudantes – essas impressões podem posteriormente ser usadas para colagens ou outros trabalhos artísticos. Também é prudente planejar um local para armazenar os carimbos criados, de modo que possam ser reutilizados em atividades futuras. Isso permite que esses materiais sejam incorporados ao acervo de recursos da classe para futuros projetos.

MATERIAIS

- Pedaços de madeira e de papelão grosso;
- Restos de fios de algodão, de lã, de barbante;
- Cola branca, fita crepe;
- Papel madeira ou Kraft, papel 40 gramas branco, papel sulfite branco cortado em vários tamanhos, papel colorido cortado em várias formas e tamanhos. Bandejas descartáveis de isopor, espuma, pincel, almofadas de carimbo (azul, preta, vermelha ou verde);
- Lupas.

ATIVIDADE

Apresentação da proposta

- Os educadores e educadoras podem iniciar a atividade apresentando o tema da experimentação com carimbos. Uma boa prática é perguntar o que já conhecem ou o que já observaram sobre o uso de carimbos em diferentes contextos.
- Para estimular o pensamento crítico e a curiosidade, pode-se introduzir algumas questões que os encorajem a refletir sobre o assunto:
 - Quando os bichos andam na floresta e deixam suas pegadas calcadas ou riscadas na terra, na areia ou nas árvores – isso pode ser considerado uma espécie de marca?
 - As pegadas dos bichos são iguais?
 - Conseguimos identificar os bichos por suas pegadas? Que diferenças existem entre as pegadas dos bichos?
- Dos bichos, passe para as identificações humanas:
 - Alguém já viu uma carteira de identidade?
 - Para que elas servem?
 - Existe alguma marca na carteira de identidade?
 - Existe alguma imagem na carteira que identifica a pessoa? Um número? Uma letra?
- Os educadores e educadoras podem começar esta parte da atividade mostrando algumas carteiras de identidade que incluem impressões digitais e carimbos dos polegares. Ao fazer isso, o foco pode ser direcionado para as características únicas dessas marcas;
- Após essa visualização, é interessante que observem suas próprias impressões digitais – é possível fornecer uma lupa para que tenham a oportunidade de ver as linhas de seus polegares em detalhes ampliados. Isso pode ser uma forma potente para estudantes notarem as complexidades e variações em suas próprias marcas digitais, bem como compará-las com as de outros e outras;
- Para engajar ainda mais a classe, pode-se fazer uma pergunta aberta, como: “As marcas são iguais?”. Este é um excelente ponto de partida para uma discussão sobre unicidade, identidade e até mesmo temas mais amplos, como biometria ou privacidade. O objetivo é não apenas fazer com que os e as estudantes observem, mas que pensem profundamente sobre o que estão vendo e como isso se relaciona com o mundo ao seu redor.



AS MARCAS

Como as imagens nesta atividade serão criadas a partir de uma marca – a impressão digital – é importante introduzir este assunto com os e as estudantes: O que são marcas e registros? Como é possível saber quem as fez ou como foram feitas. As pegadas, por exemplo, são marcas que identificam os animais, que pode ser reconhecido por produzirem marcas com formas e tamanhos característicos.

Carimbar a impressão digital

- Enquanto os e as estudantes permanecem sentados e sentadas em roda, pode-se sugerir uma experiência: o registro das marcas de seus polegares. Uma organização em pequenos grupos, cada um composto por três a cinco estudantes, é uma opção viável. Folhas brancas tamanho A4 e uma almofada de tinta para carimbo para cada grupo podem ser distribuídas.
- Uma vez que os materiais estejam distribuídos, é possível encorajá-los e encorajá-las a carimbar suas próprias digitais nas folhas. O objetivo é que observem e comparem as diferenças entre as imagens obtidas.
- Antes do início dessa atividade prática, pode-se iniciar uma roda de conversa com os e as estudantes, que podem estar sentados no chão ou em cadeiras – a conversa pode abordar os diferentes tipos de marcas que eles e elas já conhecem. A partir desse ponto, pode ser interessante introduzir questões sobre as pegadas de animais e outras formas de marcas e identificações.
- Para um registro coletivo, os educadores e educadoras podem preparar tiras de papel sulfite tamanho A4 cortadas ao meio no sentido longitudinal e unidas com fita crepe. Essa grande tira servirá para que as digitais de todos e todas as estudantes sejam carimbadas e, posteriormente, observadas e comparadas.
- Após o término do carimbo das digitais, estudantes podem ser incentivados e incentivadas a observar atentamente as marcas feitas. Este é um momento oportuno para estimular a observação e reflexão, fazendo perguntas que fomentem o pensamento crítico:
 - Como elas são?
 - Apresentam tamanho, comprimento e largura diferentes?
 - As linhas são contínuas ou entrecortadas? Onde começam? Conseguimos vê-las sem o auxílio da lupa? Qual a direção das linhas? Que desenhos elas formam?

Confecção de carimbos com barbante

- Os educadores e educadoras podem sugerir a ampliação das impressões digitais individuais dos e das estudantes por meio da confecção de carimbos. Os fios de barbante podem ser colados em bases variadas, como madeira ou papelão. Isso oferece a chance de ver como as características de suas digitais se manifestam em outra escala;
- É possível fornecer barbante e bases para que criem seus carimbos. Estudantes podem cortar pedaços de barbante e fixá-los na base escolhida, seja ela de madeira ou papelão;
- Para uma reprodução mais fiel das linhas das digitais, eles e elas podem ser incentivados a observar suas próprias impressões digitais de perto. Se acharem difícil colar os fios de barbante diretamente, um desenho preliminar a lápis das digitais sobre a base pode ser um guia útil;
- No processo de fixação dos fios de barbante, cola branca ou fita crepe são opções. Se o objetivo for usar os carimbos no mesmo dia, a fixação com fita crepe é recomendada. Caso optem por usar cola branca, é aconselhável deixar o material secar até o dia seguinte para evitar que os fios se descolem durante o processo de carimbagem.

Carimbando

- Para entintar os carimbos, pode-se utilizar almofadas prontas ou confeccionadas com espuma e bandejas de isopor. Se houver tempo disponível, a preparação das almofadas pode ser realizada com a participação da turma;
- A classe pode ser organizada em grupos compostos por quatro estudantes, e cada grupo deve receber uma almofada. Neste ponto, é possível orientar todos e todas a pressionarem seus carimbos nas almofadas, permitindo que os fios de barbante absorvam a tinta;
- Após a entintagem dos carimbos, estudantes podem simplesmente pressioná-los nas folhas de papel. É aconselhável que pratiquem esse procedimento várias vezes para ajustar a quantidade de tinta nos carimbos, controlar excessos e regular a pressão exercida sobre o papel – isso permitirá que alcancem os resultados desejados em suas criações.

Apreciação

- A apreciação das obras pode ser iniciada em duplas de estudantes, permitindo que comparem as impressões das digitais individuais com as impressões feitas pelos carimbos de barbante. Utilizar uma lupa pode ser útil para observar as linhas das digitais com maior detalhe;
- É possível sugerir que observem atentamente e identifiquem tanto as diferenças quanto as semelhanças entre a impressão das digitais isoladas e as digitais agrupadas, que formam outra imagem com os carimbos de barbante;
- Um ponto de discussão interessante é destacar as variações nos tipos de linhas, padrões e texturas entre a primeira impressão, que é menor e resulta do dedo entintado na almofada de carimbo, e a segunda impressão, criada com o carimbo de barbante. Os educadores e educadoras podem conduzir uma conversa sobre as características distintas das linhas nas impressões das digitais e as linhas nas impressões dos carimbos de barbante. Como esses dois tipos de imagem se distinguem?
- Outro aspecto a ser explorado é a relação ou correspondência entre as cópias ou imagens e as matrizes ou carimbos originais. Vale pedir que observem atentamente as produções e identifiquem semelhanças e diferenças em relação às matrizes, incentivando a análise crítica e uma compreensão mais profunda do processo de carimbagem:
- Se realmente cada impressão digital é diferente de todas as outras.
- Se percebem linhas de tipos variados na mesma impressão, mais grossas e mais finas, mais escuras e mais claras, mais tremidas e mais firmes, mais lisas e mais rugosas.
- Se existem diferenças nos tamanhos e nas formas dos polegares, tonalidades da impressão, impressões mais fortes e mais fracas de acordo com a pressão da mão de quem carimbou.
- Na roda de apreciação, os educadores e educadoras também podem combinar cópia (imagem) com matriz geradora (carimbo) nas matrizes de barbante, para que estudantes as observem lado a lado.



DESENVOLVER A PERCEPÇÃO

A apreciação é um exercício fundamental para o desenvolvimento da percepção dos e das estudantes e para a construção de um pensamento visual, por imagens. Nessa faixa etária, eles e elas podem ter mais recursos de linguagem oral e mais repertório visual para ampliar as possibilidades de argumentação e análise. As questões aqui levantadas são importantes para que reflitam sobre suas produções e seus processos de trabalho individual ao mesmo tempo em que podem aprender com os comentários de outros

VARIAÇÕES DA ATIVIDADE

Experimentações de processos

Os educadores e educadoras têm a oportunidade de combinar o carimbo com outros materiais e técnicas, enriquecendo as experiências dos e das estudantes. Uma sugestão é que eles e elas criem várias cópias da mesma imagem usando carimbos e, em seguida, explorem diferentes técnicas de desenho, colagem e pintura sobre essas cópias. As escolhas podem ser individuais, permitindo que exerçam sua criatividade.

Painel coletivo

É viável criar um painel coletivo com os carimbos de barbante, explorando diversas estratégias de composição a partir das possibilidades de reprodução de imagens. Nesse contexto, estudantes podem experimentar sobreposições de imagens, alcançando efeitos de áreas mais escuras ou claras por meio da concentração dos carimbos – a sobreposição das imagens cria texturas e padrões visuais por meio da interseção das linhas. Essas texturas podem variar, graficamente, a superfície do papel, dependendo da densidade das linhas. Tal abordagem permite criar efeitos de luz e sombra, transparência e opacidade, oferecendo uma abordagem distinta em relação a carimbar uma única vez.

Materiais variados

Os carimbos podem ser confeccionados a partir de diferentes tipos de materiais, como restos de EVA, caixinhas de fósforo, tampas de embalagens e até mesmo argila. Para utilizar esses materiais alternativos, é importante colá-los com cola branca e esperar até que sequem, o que geralmente leva um dia. Os pedaços de EVA podem ser cortados em diversas formas ou figuras, permitindo que estudantes criem desenhos mais abstratos, menos convencionais. Vale lembrar, as tampas e outros materiais plásticos podem funcionar como carimbos quando entintados com

almofadas de tinta ou guache e aplicados usando rolinhos de espuma. Suas formas geométricas frequentemente podem ser combinadas para construir desenhos carimbados que, posteriormente, podem ser finalizados com canetas hidrográficas.

Carteira de identidade

Uma variação interessante da atividade envolve a criação de carteiras de identidade, em que estudantes desenharam o rosto da pessoa (em vez de usar uma fotografia) e incluem os nomes e números de identificação. Essa proposta pode proporcionar uma aprendizagem adicional, pois envolve o desenho de observação de pessoas ou até mesmo a simulação de um documento com todas as informações necessárias.

Carimbos a partir de desenhos de observação

Outra abordagem é a criação de carimbos de barbante a partir de desenhos de observação de árvores, objetos ou pessoas. Os educadores e educadoras podem orientá-los e orientá-las a fazer um desenho de observação e, em seguida, transferir essa imagem para uma base de madeira ou papelão. Posteriormente, podem usar o barbante para construir a imagem sobre o desenho original – essa técnica permite criar várias cópias da mesma imagem, variando as cores das impressões do carimbo.



INICIATIVA



FUNDAÇÃO
VALE

PARCEIRO



roda
educativa